UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

RENATA MALHADO DOS SANTOS

PRÁTICA EDUCATIVA EM UM ESPAÇO LGBTQI+: SENTIDO DE EDUCADORES SOCIAIS TRANS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2022

RENATA MALHADO DOS SANTOS

PRÁTICA EDUCATIVA EM UM ESPAÇO LGBTQI +: SENTIDO DE EDUCADORES SOCIAIS TRANS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED-UESB) como requisito final para obtenção do título de Mestra em Educação.
Linha de pesquisa: Currículo, Práticas Educativas e Diferença.
Orientadora: Profa. Dra. Nilma Margarida de Castro Crusoé.
CAAE: 45792614.0.0000.0055

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2022

S238p

Santos, Renata Malhado dos.
Prática educativa em um espaço LGBTQI+: sentido de educadores sociais trans. / Renata Malhado dos Santos, 2023.
94f.
Orientador (a): Drª. Nilma Margarida de Castro Crusoé.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2023.
Inclui referências. 85 – 88.

RENATA MALHADO DOS SANTOS

PRÁTICA EDUCATIVA EM UM ESPAÇO LGBTQIA+: SENTIDO DE EDUCADORES SOCIAIS TRANS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, avaliada pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Nilma Margarida de Castro Crusoé
Orientadora - UESB

Profa. Dra. Daniela Auad
Membro externo - UFSCAR

Prof. Dr. Eliseu Pinheiro da Cruz
Membro interno - UESB

Profa. Dra Núbia Regina Moreira

Membro interno - UESB

A minha família por todo apoio até aqui.
Aos educadores sociais da Casa de Acolhimento Aurora.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Educação pela possibilidade de cursar um Mestrado de extrema qualidade, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de pesquisa e incentivo.

À minha orientadora, Nilma Margarida de Castro Crusoé, por ter me escolhido na seleção, acreditado no projeto, confiado em mim e, pela leveza que conduziu o nosso caminhar da pesquisa durante estudos, escrita e entrevista com os informantes. Eu sou muito grata pelo nosso encontro e pela oportunidade de cruzar o seu caminhar, professora, Nilma!

A professora Dra Núbia Regina, a professora Dra Daniela Auad e ao professor Dr. Eliseu Pinheiro da Cruz, pelos ensinamentos e contribuições com suas observações através da sua leitura minuciosa que sem dúvida contribuiu com o presente texto.

A todas as pessoas entrevistadas Trans que, acolheu o projeto de pesquisa e se disponibilizaram em compor o trabalho com suas narrativas, acrescentando muito na concepção da pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com objetivo de compreender o sentido atribuído às práticas educativas desenvolvidas pelos educadores sociais Trans da Casa de Acolhimento Aurora. A Casa Aurora é um espaço de acolhimento voltado para o público LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersexuais e dissidências) localizada no centro de Salvador – BA. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo por base a Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz.
Os dados foram coletados por meio de entrevista com roteiro semiestruturado junto a 3 educadores (as) sociais trans da Casa de Acolhimento Aurora que foram escolhidos por vivenciarem o processo de acolhimento até se tornarem educadores (as) sociais e desenvolverem as práticas educativas dentro do campo empírico. Como aporte metodológico foi utilizada a Fenomenologia Sociológica de Alfred Shutz e como técnica de obtenção de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo. Ao longo da pesquisa nos aprofundamos na análise de conteúdo através das experiências relatadas pelos informantes e compreendemos que as práticas educativas que os educadores sociais produzem na Casa de Acolhimento Aurora é produtora de sentido e é atravessada por três aspectos: Motivação Inicial a partir das suas vivências cotidianas, a ideia que o educador tem sobre o espaço a conceituação do seu papel social, e a significação das práticas desenvolvidas como estratégias para vivenciar o cotidiano na Casa Aurora.

Palavras-chave: Educação. Fenomenologia. Gênero. Pedagogia social. Práticas Educativas.

ABSTRACT

The current research has carried out with the objective of understanding the meaning attributed to educational practices developed by transsexual social educators of the Casa Aurora (Aurora Shelter House). Casa Aurora is a welcoming space aimed at the LGBTQI+ public (lesbians, gays, bisexuals, transvestites, transsexuals, queer, intersex and dissidence) located in the center of Salvador - BA. This is a research with a qualitative approach, based on Alfred Schutz's Sociological Phenomenology. Data were collected through interviews with a semi-structured script, along with 3 (three) transsexual social educators from Casa Aurora, who were chosen because they experienced the welcoming process until they became social educators and developed educational practices within from empirical field. It was used as a methodological contribution, Alfred Shutz's Sociological Phenomenology and as a technique for obtaining data, semi-structured interviews and content analysis were used. We worked on the content analysis, throughout the research, through experiences reported by the informants. We understood the educational practices, which social educators produce at Casa Aurora, have produced meaning. Those have supported by three aspects: initial motivation from their daily experiences, the idea that the educator has about the space and the conceptualization of their social role, and the meaning of practices developed as strategies to experience the daily life at that place.

Keywords: Education. Phenomenology. Gender. Social pedagogy. Educational Practices.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMB	Associação Médica Brasileira.
Coletivo Ação	Associação de Diversidade e Inclusão da Bahia
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais e etc
LGBTQI+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, *queers*, pansexuais, pessoas não-binárias e intersexo por mais visibilidade.
ONG	Organizações não-Governamentais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **4**
1 APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO **13**
1.2 A ampliação da Casa Aurora em 2022: Centro de Cultura e Acolhimento 15
1.3 A Casa Aurora: Projeto 2022 17
1.4 Problematização ao objeto de estudo: os espaços não formais 24
2 METODOLOGIA **35**
2.1 Caminhar histórico: a construção da sigla LGBTQIA+ 37
2.2 A transexualidade no espaço não-formal de educação 40
2.3 O campo empírico e a escolha dos informantes da pesquisa 42
2.4 Procedimentos de investigação e construção de dados 43
2.5. Estratégias de análise de dados 44
3 A EXPERIÊNCIA DE VIDA NA RELAÇÃO ENTRE O SER ACOLHIDO (A) E EDUCADOR (AS) DA CASA AURORA. **47**
4 O PROCESSO DE TORNA-SE EDUCADOR (A) SOCIAL DA CASA AURORA **53**
5 PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CASA AURORA: NARRATIVAS SOBRE O SER MILITANTE **60**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **75**
REFERÊNCIAS **78**
APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado de entrevista **82**
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo compreender o sentido atribuído às práticas educativas pelos educadores sociais Trans da Casa de Acolhimento Aurora, um espaço de acolhimento voltado para o público LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais e dissidências), localizado no centro de Salvador – Bahia. Para o desdobramento desta pesquisa optamos pela Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz (2012, p. 72) por entender que os sujeitos "tem a capacidade de intervir naturalmente nesse mundo, influenciando e sendo influenciado, transformando-se continuamente e alterando as estruturas sociais". Schutz denomina a atitude natural do sujeito em sua comunidade como essa forma de se colocar no *mundo da vida*. O autor ainda explica que no mundo da vida, nossas atitudes naturais são baseadas em reproduzir o que é socialmente aceitável dentro de contextos e temáticas específicas (SCHUTZ, 2008).

O questionamento da pesquisa surge no cotidiano da autora em Salvador e em seus atravessamentos enquanto mulher, militante feminista, oriunda da escola pública, bolsista do Programa Universidade Para Todos (PROUNI), no ensino superior foi vivida importantes experiências profissionais com o público LGBTQIA+, nos espaços não-formais de educação, que dialogam na perspectiva de defender a liberdade das diferenças, e isso inclui mulheres que lutam por outras mulheres e que em sua jornada de vida pessoal e profissional foram impedidas de se posicionarem no mundo, tendo uma diversidade de direitos sociais negados.

E é na formação de bacharelado em psicologia que a presente pesquisadora começou a notar algumas pautas sociais marcadas pelas minorias, diferenças e desigualdades, oportunizando uma identificação com os pressupostos da Psicologia Social. A autora Cherry (2016) contribui ao pensar de como se configura essa Psicologia que estuda os sujeitos e suas relações sociais, e que tem em sua base as observações cotidianas e interpretações subjetivas, a Psicologia Social emprega métodos científicos e estudos empíricos sobre os fenômenos sociais. Não somente levanta hipóteses sobre as pessoas e como elas se comportam nas suas relações sociais, há um planejamento que envolve observação do sujeito a comunidade como experimentos que permitem destacar a relação entre diferentes variáveis.

Nas palavras de Lane (*apud* JACQUES *et al* 2013, p. 16) escreve

> [...] Toda a psicologia é social. Esta afirmação não significa reduzir as áreas específicas da Psicologia à Psicologia Social, mas sim cada uma assumir dentro de sua especificidade a natureza histórico-social do ser humano. Desde o desenvolvimento infantil até as patologias e as técnicas de intervenção, características do psicólogo, devem ser analisadas criticamente à luz dessa concepção do ser humano – é a clareza de que não se pode conhecer qualquer comportamento humano, isolando-o ou fragmentando-o, como existisse em si e por si. Também com essa afirmativa não negamos a especificidade da Psicologia Social – ela continua tendo por objetivo conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Porém, agora a Psicologia Social poderá responder à questão de como o homem é sujeito da história e transformador de sua própria vida e da sua sociedade, assim como qualquer outra área da Psicologia […].

Louro (2001) evidencia que as então chamadas “minorias sociais” estão muito mais visíveis, fazendo com que a luta também esteja tomando um corpo muito maior, este que tenta ser proporcional a parcela gigantesca de preconceito que travestis e transexuais sofrem. De acordo com Foucault (1984), “a sociedade está imersa em discursos sobre sexualidade do ponto de vista da igreja, da psicologia, da sexologia e do direito. E que através deles se reproduzem e multiplicam ‘espécies’ e ‘tipos’ de sexualidade, e com elas também nascem as formas de controlar estes indivíduos.”

Foi especificamente no quinto período do curso de psicologia esse encontro com as práticas curriculares e extracurriculares que volta-se para a atuação dos movimentos sociais, nos centros de acolhimentos, nas questões de luta por direitos das mulheres trans. As demandas que chegavam nesses dispositivos envolviam denúncias de mulheres agredidas fisicamente e psiquicamente, em situações cotidianas como estar no barzinho, sozinhas, passear na praia com sua namorada, ser uma mulher trans em processo de transição na universidade entre outras situações inerentes a discussão com os/as sobre os conceitos: identidade, diversidade, cidadania, gênero, feminismos e violência de gênero.

Nessa época a escolha pelo estudo na perspectiva da Psicologia Social surge nos tensionamentos diários, nas pautas de relação de gênero, movimentos sociais, direitos humanos e a relação social dos sujeitos com a comunidade. Então, o grupo dos alunos que faziam parte desse caminhar acadêmico, não estavam incluídos nos grupos de estágios supervisionados clínicos tradicionalmente priorizados na formação em psicologia e sim atuavam nos espaços de escuta

LGBTQI+ da cidade de Salvador. Espaços esses que geram desconfortos necessários aos estudantes de psicologia e são de suma importância na formação profissional. Daniela Auad (2019), fala desse silenciamento cômodo dos espaços acadêmicos, e a quebra desse silêncio também pode levar a encontros surpreendentes, ampliando as possibilidades de se construir não somente enquanto universitária, mas também enquanto sujeito.

Cabe destacar que o mencionado denuncia a força da cultura patriarcal que continua em vigência na nossa sociedade, em que o ser homem cis branco estão sobre os demais gêneros nas famílias, na educação, nos esportes deslegitimando outras formas de ser no mundo, de modo a impor, ainda que sutilmente, a subjugação aos modelos preestabelecidos pela sociedade e aquilo que são ditos no binarismo sobre o que é “próprio para homens” ou “próprio para mulheres” ainda que sejam atributos do ser humano em sua totalidade.

Nesse contexto, a Casa Aurora – Centro de Cultura e Acolhimento para a População LGBTQI+[1] É uma iniciativa da Associação de Diversidade e Inclusão da Bahia – Coletivo Ação, e tem por finalidade ampliar o atendimento integral de pessoas LGBTQI+ e que estão em situações de vulnerabilidade e riscos sociais, abandonados ou afastados da família por causa da LGBTfobia no município de Salvador – Ba. Por LGBTfobia nos referimos à aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais e outras dissidências da cisheteronormatividade, que, segundo Cohen (ANO), caminha sobre evolução teórica normativa e cunhou-se no termo heteronormatividade para classificar a marginalização, perseguição, repressão e conformação por práticas sociais, crenças ou políticas que especificam à sexualidade e ao gênero dos indivíduos, tratando a heterossexualidade como uma prática intrínseca e natural ao ser humano e qualquer equívoco como antinatural e passível de perseguição, forma e Arruinação. Assim, para Cathy Cohen

> Por “heteronormatividade” quero dizer tanto aquelas práticas localizadas quanto aquelas instituições centralizadas que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e as relações heterossexuais como fundamentais e “naturais” dentro da sociedade

[1] Doravante, sempre que for mencionado Casa Aurora, estará se tratando da Casa Aurora – Centro de Cultura e Acolhimento para a População LGBTQI+

(COHEN, 1997, p. 4404)

Tal questionamento representa uma perspectiva que tem a matriz heterossexual como base das relações de parentesco e a matriz cisgênera como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero, produzindo efeitos que são naturalizados em nossa cultura, a partir da constituição de uma noção de normalidade em detrimento da condição de anormalidade, produzindo a abjeção e ocultamento de experiências transgressoras e subalternas. Essas relações de gênero são construídas, mantidas ou modificadas pela sociedade a partir de normas, valores, símbolos, instituições, da maneira de falar e da subjetividade de homens e de mulheres. Destarte, a educação é uma das principais agências de cultura do que é masculino e feminino, do que é considerado relativo ao homem e à mulher, no qual o espaço escolar geralmente impõe os interesses e ideais as classes dominantes – que em geral são demarcadas pela identidade de homens cis-heterossexuais-branco (LOURO, 1997; GOUVEIA; CAMURÇA, 2000; AUAD, 2006).

Assim, com essas indagações construídas nessas experiencias extracurriculares a partir das experiências nesses espaços permeados por uma noção não-formal de educação. Dessa forma, a atuação dos discentes universitários junto aos movimentos sociais é ponto de partida para se repensar essas estruturas conservadoras das instituições educacionais que ao longo dos anos, vem sendo reforçada pelas frentes estatais por meio e das da ausência de políticas públicas que possam intervir com importantes contribuições para uma inclusão social direcionada às pautas de gênero, e caminha na tentativa de construir uma sociedade a partir da educação que visa uma cultura patriarcal não questionando o engessamento das práticas educacionais nas escolas, especialmente nas três dimensões do patriarcado: gênero, raça e classe. Essa estagnação vislumbra o retrocesso na luta LGBTQI+ pela igualdade de gênero e que questiona as transformações na ordem patriarcal de gênero e sua intersecção histórica com o racismo e com o capitalismo. As estruturas patriarcais de poder são ambíguas e atingem positivamente as instituições sociais e as condutas das pessoas, pois nelas circulam também as matrizes subversivas de gênero.

Todas essas indagações que envolvem o diálogo sobre gênero perpassam a negação do diferente, em viver coletivamente e contribuir para a construção de uma

sociedade equânime. Isso vai se tornando mais forte na vivência profissional na condição de psicóloga nesta organização do terceiro setor durante o ano de 2019. Experiência essa que possibilitou identificar as contribuições da Casa Aurora enquanto espaço de formação humana numa perspectiva similar ao papel que a educação não-formal tem para o processo educativo em geral, ou seja, na perspectiva de formar socialmente cidadãos críticos, reflexivos e ativistas no que tange pautas de lutas para o cumprimento e garantia dos seus direitos sociais, visão essa que o espaço empírico desta pesquisa imprime na sua atuação.

A Casa Aurora é um espaço que tem como foco contribuir para a força dos movimentos coletivos organizados estrategicamente, com a capacidade de transformar realidades históricas e tensões entre Estado e grupos específicos marginalizados ao longo do tempo. Gohn (2006, p. 22) “destaca que o sujeito coletivo se dilacera, fragmenta-se em múltiplos campos isolados. Sozinhos, esses múltiplos sujeitos não têm força coletiva, e o ponto de convergência entre eles é o próprio Estado”. A instituição busca minimizar os danos da LGBTfobia, através de atividades culturais e socioeducativas, abrigamento institucional e encaminhamento para serviços específicos para a população LGBTQI+. Além da proposta educacional que é, a partir de um trabalho de desenvolvimento afetivo, cognitivo, intelectual e político, as pessoas assistidas possam expressar as suas potencialidades e ressignificar o seu lugar na sociedade (AURORA, 2019).

Nesse contexto, vislumbra-se então a qualidade de educadores sociais dos sujeitos trans que interagem Casa Aurora entendida aqui como um campo empírico de educação não-formal. Entende-se aqui a educação não-formal como aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento mútuo de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas, que constrói e conduz suas práticas no encontro dos sujeitos e suas relações sociais e essa interação permite que o grande educador seja o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos (GOHN, 2006).

A educação que acontece na Casa Aurora, ocorre a partir da interação dos sujeitos transsexuais e transgeneros, mediados enquanto educadores sociais trans e da coordenação institucional que, nesse contexto tem o papel de propor uma rotina de convivência entre as pessoas, além de atividades de formação cidadã que visem à promoção e a interação social dessas pessoas que estão em situação de risco e vulnerabilidade social. Os termos educação não-formal e informal, são expressões

que se faz necessário conceituarmos e apontar as diferenças entre eles. Segundo Saraiva (2021), a Casa Aurora tem um papel basilar das políticas de equidade de gênero na cidade de Salvador, em que os fundadores João Hugo – Homem Trans e Sellena mulher Trans narram a história desse espaço e como ocorre o abrigamento dessas pessoas.

Em entrevista ao grupo Famílias pela Diversidade da Bahia[2]No Brasil, os ativistas João Hugo e Sellena explicaram com detalhes que este projeto oferece um espaço para pessoas LGBT em Salvador. Essa entrevista irá nos ajudar a conhecer um pouco mais a história da Casa, uma vez que a Instituição ainda está em construção de um documento oficial, que irá compor obrigatoriamente a apresentação desse projeto, e as diretrizes que as compõem. Hoje, acolhe mais pessoas Trans, por ser o público que sofre uma forte exclusão social pelo preconceito da população, dificuldade de inserção no mundo do trabalho, dificuldade de a. A luta antes de mais nada caminha para essa população, ter sua existência reconhecida e seus direitos respeitados (SARAIVA, 2021).

Essa exclusão social sofrida e a compreensão de como gênero e sexualidade se interseccionam gerando dinâmicas de violência. O relato experiencial dos fundadores da casa sobre as suas vidas como pessoas Trans e aceitação para o convívio em sociedade é algo da vida particular e da vida pública. Esta nova consciência, como destacam Sidney Abbott e Bárbara Love (1973), é arrebatadora e reflete em todas as nossas ações e interações exigindo tomada de decisão.

A Casa Aurora acolhe pessoas LGBTQI+, que vivenciam a exclusão social seja por parte da família e sociedade. Na pandemia, o confinamento terminou agravando os choques de convivência. “A ideia surgiu do coração de João Hugo e Selena, um casal que acolhia pessoas LGBTIQI+ em sua própria casa” (SARAIVA, 2021,s.p).

Durante as datas festivas de fim de ano eles perceberam que essas pessoas eram deixadas de lado durante as festas de final de ano, especialmente no Natal. Devido a isso, o projeto começou com o nome Natal da Inclusão. Posteriormente, devido à grande procura, foi necessário ter um espaço de acolhimento.

A Aurora foi inaugurada no dia 31 de maio, para marcar o fechamento do

[2] O grupo Famílias pela Diversidade da Bahia tem o objetivo lutar pelos direitos sociais e civis da população LGBTQIA+.

[3]mês, conhecido localmente como “maio da Diversidade”. A sua localização no centro se deu para ficar próxima e em diálogo com outros aparelhos que defendem a população LGBTQI+ em Salvador, a maioria das pessoas abrigadas é transexual, “por terem muito mais dificuldade para conseguir um emprego formal”. “Suas respectivas famílias têm muita dificuldade em aceitar que um filho ou filha mude de gênero.” É um processo difícil, que nem sempre podemos superar, afirmam os idealizadores do projeto, ainda em entrevista com Saraiva[4].

A princípio podemos dizer quais campos esse processo educacional ocorre e se desenvolve nesse espaço: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal, como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização − na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2008).

São definições como essas que caracterizam o espaço empírico dessa pesquisa, que se estabelecem uma relação de acolhimento a partir de uma troca mútua dessas experiências que surgem a partir do encontro dos sujeitos com suas vivências, em que agem em relação a outros homens, mediante símbolos e signos, e isso é possível nos grupos sociais políticos que produzem elementos que se constituem no mundo da vida, que conectam as histórias e toda relação entre a consciência e a experiência.

A partir da visão de João Amado (2009), a prática educativa origina-se da ideia de que ela é produção de sentidos, procurou-se, então, investigar “o que, na realidade, faz sentido e como faz sentido para os sujeitos investigados” (AMADO, 2017, p. 41). Esse ponto de partida coloca as pesquisas desenvolvidas no âmbito da investigação fenomenológico-interpretativa, cujos pontos centrais são as intenções e as significações que guiam a ação dos sujeitos, na relação com o outro e com os contextos em que acontecem (AMADO, 2017)

---

[3] O 17 de maio é internacionalmente reconhecido como o dia de luta contra a LGBTFOBIA. A data marca o dia em que a Organização Mundial de Saúde – OMS retira a homossexualidade da lista internacional de doenças. O mês da diversidade na UFU foi idealizado para lembrar das lutas, desafios e conquistas desta população. Diferentes atividades são pensadas no sentido da visibilidade desta luta. http://www.proae.ufu.br/acontece/2021/05/maio-da-diversidade-e-o-enfrentamento-da-lgbtfobia

[4] Entrevista concedida ao grupo Famílias pela Diversidade da Bahia.

Assim, a escolha de Salvador como *lócus* da pesquisa se justifica pelo fato de, além de ser cidade natal da autora, ter sido o espaço social onde desenvolveu suas primeiras experiências profissionais, permitido conhecer alguns espaços de educação não-formais que devolvem trabalhos potentes para que os sujeitos possam ter suas vozes escutadas, consideradas a partir de uma troca mútua envolvendo acolhimento, escuta, cumprimento de regras, diálogos com outros aparelhos que defendam a população LGBTQI+ em Salvador, como Centro Municipal de Referência LGBT; Defensoria Pública, Grupo Gay da Bahia (GGB).

A Casa de Acolhimento Aurora está no grupo de entidades que compõem o chamado Terceiro Setor, em seu perfil de Organização não-Governamental (ONG) que atua numa lacuna social deixada pela não efetividade do Estado do no cumprimento das Políticas Sociais na construção de cidadania LGBTQI+ para que tenha a ideia principal, como organização, gerar impactos positivos na sociedade, através de diversas ações para torná-la menos desigual, é também uma entidade sem fins lucrativos e são as maiores referências do Terceiro Setor. A autora Maria Victoria de Mesquita Benevides (1991), no seu texto *Cidadania ativa*, ao demarcar como seu objetivo principal o campo da educação, da busca de uma conscientização social maior, indica que está só é possível com uma participação permanente, plena e ativa de todos nós, como cidadãos.

A sociedade civil está como um dos principais pilares na construção da cidadania. O autor Montaño (2022) em seu texto *Terceiro setor e questão social* apresenta questionamentos dos quais as ONGS são atribuídas como parte da solução da pobreza e miséria que assola o mundo atual, de forma mais perversa que em qualquer outro momento histórico, está nas mãos dessas organizações que profissionalizam a assistência social, exploram o voluntariado e contribuem para a destruição das políticas de cidadania embasadas nos direitos sociais construídos pela luta humana nos últimos trezentos anos.

Foi notável o quanto os fundadores da Casa Aurora tinham essa preocupação de contribuir para que o Estado fosse efetivo nas políticas direcionadas ao público LGBTQI+. O que possibilita identificar a potência da Casa Aurora à presença da Participação Cidadã que funda-se também numa concepção democrática radical que objetiva fortalecer a sociedade civil no sentido de construir ou apontar caminhos para uma nova realidade social sem desigualdades, exclusões de qualquer natureza. Busca-se a igualdade, mas reconhece-se a diversidade

cultural. Há um novo projeto emancipatório e civilizatório por detrás dessa concepção que tem como horizonte a construção de uma sociedade democrática e sem injustiças sociais (GONH, 2013).

1 APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO

Pensar no objeto de estudo desta pesquisa, acerca das práticas educativas produzidas nos espaços não-formais, é caminhar na realidade cotidiana das pessoas inseridas em seus contextos, que em Husserl significa

> [...] um conjunto de significações ou de sentidos que são produzidos pela razão. A razão é "doadora de sentido" e ela "constitui a realidade" enquanto sistemas de significações que dependem da estrutura da própria consciência. Essas significações não são pessoais, psicológicas, sociais, mas universais e necessárias. Elas são as essências, isto é, o sentido impessoal, intemporal, universal e necessário de toda a realidade, que só existe para a consciência e pela consciência. (CRUSOÉ; SANTOS, 2020, p. 3).

No transitar pela Casa Aurora no ano de 2019, pode-se identificar um movimento educativo realizado por esses sujeitos na qualidade de educadores sociais trans, no qual, a partir de suas vivências pessoais acerca das pautas LGBTQI+, foram trazendo para a Casa Acolhimento Aurora diálogos sobre identidade gênero, orientação sexual, feminismo negro, direitos humanos, saúde, educação e moradia. Nas ocasiões em que a pesquisadora esteve presente nesse espaço na condição de Psicóloga, vivenciou momentos nos quais essas pessoas trocavam experiências cotidianas que enfrentavam pela sua orientação sexual, identidade de gênero e pelo preconceito por parte da sociedade.

Com isso, via que era o papel objetivado pela Casa Aurora, de acolher os jovens e suas demandas que se iniciavam com relatos das suas experiências e desdobram-se em pautas de violências de gênero, homofobia, machismo, negação da garantia de direitos. Ao narrar suas histórias, esses sujeitos contribuem subjetivamente para a produção de sentidos das práticas propostas pelos educadores da Casa Aurora. A esse respeito Schutz (2012) vai dizer que só é possível produzir esses sentidos conhecendo as experiências significativas desses sujeitos, via conhecimento da intencionalidade, movimento que somente à consciência compete fazê-lo e é assim o percurso subjetivo que se auxilia na criação de produção de conhecimento nesse espaço educativo não-formal. São pautas que versam sobre suas vidas, suas próprias experiências como as ações que os constituem e são norteadas por essas relações sociais estabelecidas no mundo da vida.

São inúmeras as contribuições vistas a importância esses espaços não formais pertencentes ao terceiro setor têm para o processo educativo em geral e ao mesmo tempo amortece a dívida social que o Governo, tem com a população solapar direitos sociais, o conjunto das organizações do Terceiro Setor contribui também para provocar prejuízos econômicos a enormes parcelas das populações até recentemente reconhecidas pelo estado como portadoras de direitos à informação, educação, saúde, previdência social, trabalho, etc.

Nesse sentido, segundo os fundadores da Casa de Acolhimento a casa Aurora nasce dessa lacuna, uma lacuna, que caminha numa perspectiva desde a acolher adolescentes e jovens em vulnerabilidade social com demandas extraescolares, a promover um processo de reflexão e ativismo a partir de formação cidadã.

As experiências dos acolhidos são atravessadas por discursos de dor e sofrimento, os educadores são convocados a intervir nessa realidade a partir dos diálogos de formação cidadã que constituem na construção de conhecimentos a partir das práticas educativas pensadas a partir do mundo social com pautas formativas sobre: infecções sexualmente transmissíveis; gênero; sexualidade; desigualdade social; historicidade; movimentos sociais; política; educação social, preconceito; racismo; cotas; identidade cultural; direitos humanos; emancipação. Esses itens são algumas temáticas reflexivas trabalhadas na Casa Aurora por meio de palestras, encontros, fóruns, lives, congressos, que permitem que os sujeitos desenvolvam a noção de pertencimento a partir da sua história, suas dificuldades e possibilidades.

1.2 A ampliação da Casa Aurora em 2022: Centro de Cultura e Acolhimento

Figura SEQ Figura * ARABIC 1:
Logomarca da Casa de Acolhimento Aurora

Segundo João Hugo (2021), em 2021 a Aurora começou a enfrentar diversas dificuldades estruturais para manter a sede em funcionamento. A ausência de doações e financiamento fizeram com que a casa fechasse as portas. Com a onda da Pandemia do Covid 19 e o isolamento social as pessoas ficaram impossibilitadas de se reunirem e, juntas, criarem estratégias para uma possível retomada. Nessa perspectiva neste item será apresentado a justificativa que pauta a importância da retomada da Casa Aurora.

Levando em consideração que a pandemia, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus, impactou fortemente os movimentos coletivos, não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias (FIOCRUZ, 2021). A casa deixou de acolher muitas pessoas e incluí-las no processo formativo. A pauta da retomada e Ampliação do presente projeto é uma iniciativa da Associação de Diversidade e Inclusão da Bahia - Coletivo Ação, e tem por finalidade ampliar a Casa Aurora voltado para o público LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersexuais e outras dissidências) no município de Salvador/BA, objetivando o atendimento integral de pessoas que estão em situações de vulnerabilidade e

riscos sociais, abandono ou afastamento da família por causa da LGBTfobia em especial o público Trans.

Por LGBTfobia nos referimos à aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais e outras dissidências da “cisheteronormatividade”. A cisheteronormatividade representa uma perspectiva que tem a matriz heterossexual como base das relações de parentesco e a matriz cisgênera como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero; ambas produzindo efeitos que são naturalizados em nossa cultura, a partir da constituição de uma noção de normalidade em detrimento da condição de anormalidade, produzindo a abjeção e ocultamento de experiências transgressoras e subalternas (CAVALCANTI· 2019).

Quando a orientação afetiva sexual e a identidade de gênero são dissidentes dos padrões hegemônicos da cisheteronormatividade e o crime de LGBTfobia é estrutural, muitas pessoas LGBTQI+ são expulsas de casa, excluídas dos ambientes sociais ou até mesmo assassinadas. Segundo o Relatório 2018 de Crimes contra a população LGBTQI+, divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), 420 pessoas morreram no Brasil em 2018 vítimas da LGBTfobia : 320 homicídios (76%) e 100 suicídios (24%). Uma pequena redução de 6% em relação a 2017, quando se registraram 445 mortes, número recorde nos 39 anos desde que o GGB iniciou esse banco de dados.

Esse cenário se agrava devido à insuficiência de políticas públicas voltadas para a redução das violências sofridas pela população LGBTQI+. Como resposta, notamos o surgimento nos últimos anos de diversas iniciativas no âmbito nacional que visam produzir espaços seguros e de desenvolvimento pessoal para pessoas LGBTQI+. Uma dessas iniciativas é a criação de instituições voltadas para o acolhimento, através do surgimento de casas de acolhimento. Nessas casas, além dos suportes básicos de assistência – como moradia, alimentação e higiene pessoal –, as moradoras e os moradores teriam acesso a serviços de saúde integral, iniciativas que visam a sua reinserção cultural e social e a sua emancipação.

Em setembro de 2019, ocorreu em São Paulo o I Fórum de Casas de Acolhida LGBTQI+, no qual participaram 12 projetos de casas de acolhida e assistência à população LGBTQI+ em todo o país. Fundada em maio de 2019, a Casa Aurora dialoga com essas iniciativas em desenvolvimento no Brasil. Logo, ela

representa avanços políticos, históricos e sociais no que diz respeito à dignidade da pessoa humana, resgate e proteção de uma população que sofre cotidianamente com imposições da cisheteronormatividade estrutural, da LGBTfobia, das desigualdades sociais, da vulnerabilidade social e das violações de seus direitos.

1.3 A Casa Aurora: Projeto 2022[5]

Como já exposto, a Casa Aurora é uma casa de acolhimento voltada para o público LGBTQI+, localizada no centro de Salvador, capital do estado da Bahia. E tem como objetivo oferecer atendimento integral a jovens de 18 a 29 anos que estão em situações de vulnerabilidade e riscos sociais, abandonados ou afastados da família por causa da sua identidade de gênero e ou orientação sexual. A Casa Aurora foi inaugurada no dia 31 de maio, para marcar o fechamento deste mês, conhecido localmente como “Maio da Diversidade”. A sua localização no centro se deu para ficar próxima e em diálogo com outros aparelhos que defendem a população LGBTQI+ em Salvador.

Aurora significa amanhecer, princípio de vida, origem e ancestralidade. Pensando nisso, o espaço busca minimizar os efeitos da LGBTfobia, através de atividades culturais e socioeducativas, abrigamento institucional e encaminhamento para serviços específicos para a população LGBTQI+. A nossa proposta é que, a partir de um trabalho de desenvolvimento afetivo, cognitivo, intelectual e político, as pessoas assistidas possam expressar as suas potencialidades e ressignificar o seu lugar na sociedade. A Aurora é coordenada pelo casal de ativistas LGBTQI+, João Hugo e Sellena Ramos. Sellena é uma mulher trans, feminista negra interseccional, graduanda em Direito pela Faculdade Baiana de Direito, faz parte dos coletivos Mães do Arco-Íris e da Associação de Diversidade e Inclusão da Bahia. E João Hugo, um homem trans negro, fotógrafo, graduando em Comunicação - Produção e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, membro do Comitê Técnico de Saúde Integral da População LGBT da Bahia e colaborador do Fórum de Políticas Públicas para Travestis e pessoas Transexuais do Estado da Bahia.

---

[5] Esse modelo de roteiro foi baseado no livro da professora Dra Nilma Margarida de Castro Crusoé - Prática Pedagógica Interdisciplinar na Escola Fundamental: Sentidos atribuídos pelas professoras, (p.57). A autora baseou a reelaboração do roteiro de entrevista, em termo de formação, a partir de modelo sugerido por Amado, durante o estágio de Doutoramento na Universidade de Coimbra, Portugal, com o objetivo de oferecer maior organicidade ao instrumento de produção de dados, a entrevista semiestruturada, conservando o conteúdo inicial da entrevista.

A Aurora tem dois quartos, dois banheiros, uma cozinha, duas áreas de convivência e um salão de atividades. O abrigamento é temporário e tem uma capacidade máxima de dez pessoas, às quais são garantidas a alimentação e produtos de higiene pessoal, além de oferecer alguns serviços, como atividades socioeducativas, serviço jurídico e a Clínica Social com acompanhamento terapêutico e assistência social, atendimento psicológico e atendimento psiquiátrico. Todos os serviços são realizados por profissionais de forma voluntária. Além das residentes da casa, atendemos demandas externas da população LGBTQI+ de Salvador e da região metropolitana, como, por exemplo, as demandas de pessoas LGBTQI+ em situação de rua.

- **Proposta de Ampliação**

As propostas de ampliação do projeto do Centro de Cultura e Acolhimento Casa Aurora buscam o aumento da capacidade de atendimento e assistência dos serviços já prestados na primeira unidade de acolhimento, localizada no centro de Salvador. Elas partem de uma percepção, após seis meses de atividades, da insuficiência no oferecimento de alguns serviços específicos direcionados para a população LGBTQI+ na cidade e a crescente procura de acolhimento do público Trans. Percebe-se que esta ausência se vê reforçada por um cenário nacional de retrocessos nos avanços das políticas públicas voltadas para esta parcela da população. Pensando nisso, o presente projeto se propõe a multiplicar e integrar os serviços oferecidos pela Casa Aurora em novos espaços físicos, assim como atender a novas demandas.

- **Metas/Produtos/Resultados**

META	PRODUTO	RESULTADOS

Ampliação do projeto do Centro de Cultura e Acolhimento Casa Aurora	Casa Aurora – Centro de Cultura e Formação	● Aumento da capacidade de atendimento e assistência dos serviços prestados pela primeira unidade de acolhimento; ● Continuidade das tarefas de acolhimento iniciados na Casa Aurora; ● Oferecimento de serviços específicos voltados para a população LGBTQI+ na cidade de Salvador/BA.

- **Metodologia para nova casa: Estratégia de ação**

A Casa de Acolhimento Aurora – é uma extensão dos serviços de acolhimento já prestados na primeira unidade da Casa. A nossa proposta é que este espaço expanda e dê continuidade ao acolhimento iniciado na Casa, através do oferecimento de atividades socioeducativas, atividades culturais e serviços de saúde e de orientação jurídica. Além disso, a ideia é que o Centro atenda uma demanda que não se restrinja às pessoas acolhidas pela casa, de forma a preencher uma lacuna que percebemos no contexto local (Plano de Ampliação Casa Aurora, 2022).

Para tanto, a nossa proposta é reproduzir e ampliar no espaço alguns serviços que atendem as necessidades dos frequentadores da Casa, como por exemplo a Clínica Social, as atividades físicas e as atividades socioeducativas, de modo a assistir um público maior. Por se tratar de um espaço diferente do espaço da casa de acolhida, aproveitamos as suas potencialidades para desenvolver outros serviços, que hoje em dia se encontram impossibilitados por limitações estruturais e pelo facto de priorizarmos o acolhimento e a segurança das pessoas que residem na casa.

A nossa proposta é que esse espaço funcione no Centro de Salvador, por uma proximidade geográfica com a primeira unidade da Casa Aurora e com outras instituições parceiras. Além disso, historicamente, o Centro de Salvador sempre foi um espaço ocupado pelas pessoas LGBTQI+. Defendemos, assim, a importância de ocuparmos e ressignificar essa área da cidade, na perspectiva de um resgate dessa identidade cultural e da memória dessa parcela da população, num contexto em que a ocupação do Centro da cidade tem surgido como uma demanda local.

- **Objetivos**

i. Criar um espaço de sociabilidade para pessoas LGBTQI+;
ii. Oferecer cursos e oficinas de formação, em diferentes áreas de atuação;
iii. Oferecer cursos de idiomas e preparatórios para o Enem, voltados para pessoas LGBTQI+;
iv. Promover atividades culturais;
v. Fomentar a produção cultural e democratizar o seu acesso;
vi. Fomentar iniciativas de economia criativa realizadas por pessoas LGBTQI+; ampliar o funcionamento da Clínica Social;
vii. Ampliar o acolhimento para o público Trans;
viii. Criar um espaço de atuação para estudantes e profissionais interessados em trabalhar com demandas específicas da população LGBTQI+;
ix. Formar uma cooperativa responsável pela gestão do espaço;
x. Gerar empregos e renda para pessoas em situação de vulnerabilidade social;
xi. Oferecer atividades físicas e esportivas;
xii. Fomentar o diálogo com outros aparelhos culturais e de formação da cidade;
xiii. Oferecer serviços de direcionamento em rede para o encaminhamento de demandas jurídicas, cidadãs e sociais;
xiv. Promover rodas de partilha sobre questões específicas das diferentes vivências da população LGBTQI+;
xv. Montar uma Biblioteca de Direitos Humanos e um Centro de Memórias LGBTI +.

- **Estrutura Física**

Interna

Cozinha	Pia de duas cubas Fogão Industrial Freezer Horizontal Geladeira Duplex Gás Utensílios domésticos Eletrodomésticos (micro-ondas, liquidificador, espremedor, batedeira, chapa, cafeteira) 01 Ventilador 01 Mesa auxiliar 02 Cadeiras 02 Lixeiras grandes 01 Exaustor/sugar 01 Purificador de água

Recepção	01 Mesa de escritório 01 Impressora 02 cadeiras 01 computador 01 Purificador de água 01 Mural de divulgação das atividades 01 Lixeira 01 Armário de Prateleira
Banheiros	04 Sanitários
Depósito	04 Armários de prateleira 01 Freezer Horizontal 01 Kit de ferramentas 01 Máquina de furar 10 Extensões 01 Escada
Auditório	01 Data Show 01 Tela de projeção 02 Microfones 01 Caixa de Som 40 Cadeiras Universitárias 01 Quadro Branco 02 Ares-condicionados 01 Lixeira
Sala Administrativa	01 Mesa de Reuniões 10 Cadeiras 01 Ar-condicionado 01 Purificador de água 01 Quadro Branco 02 Computadores 01 Impressora multifuncional 01 Armário 01 Tv Full HD 01 Lixeira
Clínica Social	01 Sofá 01 Mesa 01 Computador 03 Cadeiras 01 Divã 01 Maca desmontável 01 Balança ergométrica 01 Armário 01 Impressora 01 Ar-condicionado 01 Lixeira 01 Kit de primeiros socorros

02 Salas de aula multiuso	50 Tatames 02 Equipamentos de som 02 Ares-condicionados 02 Computadores 02 Data Show 02 Microfones 02 Telas de Projeção 02 Quadros Brancos 40 Cadeiras Universitárias 02 Lixeiras 02 Armários
Biblioteca e Centro de Memória	04 Computadores 01 Lixeira 01 Mesa de escritório 01 Mesa de reunião 07 Cadeiras 01 Máquina fotográfica 01 Câmera de Vídeo 02 Lapelas 01 Tripé 01 Holofote 04 Armários com prateleiras 01 Ar-condicionado

Externa

Garagem	03 Araras 02 Mesas 01 Balcão de Paletes 10 Cadeiras 01 Armário com prateleira 01 Filtro de água 01 Lixeira
Área para atividades socioculturais	03 Lixeiras 02 Bancos
Jardim/ Horta	01 Conjunto de ferramentas para o jardim. 01 Mangueira 10 Baldes Produtos para jardim e horta.
Refeitório	01 Equipamento de Som 04 Mesas 16 Cadeiras 01 Quadro Branco 01 Mesa Grande 01 Geladeira 02 Bandejas

	01 Micro-ondas 01 Liquidificador 01 Cafeteira Utensílios domésticos 02 Lixeiras 01 Armário

- **Etapas/fases de desenvolvimento**

✔ Etapa 1: locação do imóvel onde funcionará a Aurora - Centro de Cultura e Formação e estruturação do espaço com equipamentos.

✔ Etapa 2: adequação com reforma do espaço tendo em vista a acessibilidade e os serviços e atividades específicas que serão oferecidas.

✔ Etapa 3: contratação de equipe: segurança, coordenação geral, coordenador pedagógico, coordenação da clínica social, assessor contábil, assessor jurídico, 2 serviços gerais, 1 monitores, cozinheira e auxiliar de cozinha, gerente comercial.

- **Público beneficiário**

A população LGBTQI+ de Salvador e Região Metropolitana

- **Indicadores de desempenho quantitativo**

Exemplos de indicadores mensais de desempenho, a serem aferidos no decorrer da execução do projeto:

✔ Quantidade de pessoas que procuram a Aurora – Casa de Acolhimento Aurora;

✔ Quantidade de pessoas que se matriculam e participam dos cursos de formação e das atividades físicas, esportivas e culturais;

✔ Quantidade de pessoas atendidas pela clínica social por tipo de atendimento;

✔ Quantidade de atendimentos concluídos pela clínica social e o percentual de atendimentos em andamento;

✔ Quantidade de pessoas que consultam os materiais disponíveis na biblioteca e no centro de memória;

✔ Quantidade de pessoas que procuram os serviços de assistência jurídica e cidadã;

✔ Quantidade de refeições com valor social servidas pelo refeitório.

- **Sustentabilidade**

Uma vez garantidos os investimentos iniciais para a implementação da

Aurora Centro de Cultura e Formação, o projeto se manterá em vigência através dos seguintes recursos:

- ✔ Cursos pagos com valor social;
- ✔ Financiamento coletivo;
- ✔ Atividades de captação de recurso;
- ✔ Editais setoriais;
- ✔ Oficinas de formação sobre temas vinculados à população LGBTQI+ oferecidos para outros espaços.

1.4 Problematização ao objeto de estudo: os espaços não formais

A partir do levantamento bibliográfico selecionado vai se consolidando a escolha da temática a ser estudada, é possível fazer o planejamento da pesquisa, elaborar as suas próprias hipóteses, definir a metodologia, embasar discussões e conclusões acerca dos resultados encontrados. São leituras que no seu escopo apresenta a implicação do autor e de como o desenvolvimento das escritas são levantadas a partir de provocações e da historicidade do sujeito, a sua relação com o campo empírico da pesquisa. Estamos falando de sujeitos que são motivados por uma queixa existente na sua vida particular e na sua vida pública e que são impulsionados a promover reflexões, ações e prática social em prol da felicidade.

É certo que a escrita desta pesquisa se inicia na inquietação da autora outrora educadora social nesse espaço não-formal de educação e percebendo como a Casa Aurora contribui na ampliação da formação geral através da prática desenvolvida nesse espaço LGBTQI+ e quais os sentidos atribuídos pelos educadores sociais. A atuação da psicologia dentro do das comunidades, esbarra em um entrave já conhecido na profissão, que é a centralização das práticas assistencialistas, onde a escuta é puramente voltada ao sujeito com viés de bondade e solidariedade. Deixamos a nossa escuta terapêutica de lado, e entramos em um papel de cuidar, e não deixar ninguém desamparado.

A inclusão dos espaços não-formais de educação nas discussões acadêmicas vem possibilitando a participação da sociedade civil na construção do conhecimento. Nesse sentido, essa pesquisa busca saber: como os educadores sociais que atuam na Casa Aurora significam a prática educativa que realizam? E, a partir disso, pensar que a construção do conhecimento nos espaços não-formais de educação enriquece o processo educativo em geral – as casas de acolhimentos, os movimentos sociais os centros culturais – compostos pela sociedade, permitem o

fomento nos diálogos temáticos construídos no cotidiano das pessoas a partir das suas experiências. Nesse sentido, o autor Alfred Schutz discorre que essas experiências são como as do mundo da vida, sendo os comportamentos que a consciência atribui significado.

Gloria Gohn (2006) apresenta uma definição desses espaços de educação não-formal como processos com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica.

E essa produção de conhecimento vem movimentando as discussões nas pesquisas acadêmicas em educação, permitindo pensarmos quais são as principais estratégias que os espaços não-formais enfrentam para o fomento da educação. Fizemos um levantamento bibliográfico das pesquisas realizadas em educação com os descritores de palavras-chave: práticas sociais, espaços formais e não-formais, LGBTQIA+, nos bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações no Brasil (BDTDB) levando em consideração os anos 2003 a 2019, correspondentes aos governos no âmbito federal de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef, período de ampliação de bolsas para o mestrado e o doutorado, portanto, de incentivo a pesquisa, bem como, de priorização da inclusão social. Encontramos 11 (onze) trabalhos com essas temáticas nas regiões Nordeste, Sul, Sudeste e apenas 1 (um) deles com o descritor de palavras-chave LGBTQI+ que, ao longo dos anos, vem passando por mudanças na sigla e, hoje, internacionalmente conhecida como LGBTQIA+, passando a atualizar-se com pesquisas sobre orientação e gênero. Com isso, a letra Q e o sinal de adição (+) foram acrescentados, sendo que nas três primeiras letras LGB o significado se refere à orientação sexual e a segunda sequência TQIA+ a gênero.

As 10 (dez) referências bibliográficas encontradas entre dissertações e teses com os descritivos “práticas sociais,” “espaços formais e não formais” transitam na

perspectiva de pensar a educação não-formal como um movimento que dialoga diretamente e indiretamente com a escola, buscando responder uma lacuna social deixada pela educação formal e pelo Estado a partir da não efetividade das políticas educacionais. Esses trabalhos analisaram o conteúdo nos livros didáticos, e apontam inúmeras lacunas, com conteúdo insuficiente e repleto de erros conceituais.

Na Tabela 1, a seguir, apresentamos o levantamento de dissertações e teses que tratam da prática educativa em educação nos seguintes bancos digitais:

- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD);
- Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ANO	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	PROGRAMA	REGIÃO	ACESSO EM (DATA)	DISPONÍVEL EM (LINK)
2017	Gestão pedagógica e práticas educativas em espaços não formais de educação: um estudo no centro de promoção da infância e da juventude	Jessica Rodrigues Gomes kijak	Universidade do vale do rio dos sinos	Gestão educacional (42007011027p2)	Nordeste	11.08.21	
2018	Um minicurso para a atuação de mediadores na educação não formal em ciências da natureza	Fabio Henrique Novaes de lima	Universidade federal do rio grande do norte	Ensino de ciências naturais e matemática (23001011032p4)	Nordeste	19/12/2018	plataforma sucupira (capes.gov.br)
2008	O ouríves e a jóia: o movimento de organização comunitária (moc) e suas práticas de educação não formal, no período 1970 a 1980.	Vieira, Roberto Carlos.	Universidade do estado da Bahia	Mestrado em educação e contemporaneidade	Nordeste	01/03/2008	cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/roberto_carlos_vieira.pdf
2009	A utilização de espaços de educação não formal por professores de biologia de natal - rn.	Praxedes, gutemberg de castro	Universidade federal do rio grande do norte	Programa de pós-graduação em ensino de ciências naturais e matemática	Nordeste	05/10/2021	https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16057
2004	"A formação do homem novo: uma análise da visão dos técni-cos	André, António miguel	Universidade estadual de campinas,	Doutorado em educação	Sudeste	01/02/2004	a formação do homem novo : uma

	governamentais atuando hoje em angola"		campinas	instituição de ensino			analise da visão d... - bv fapesp
2010	O debate internacional sobre competências: explorando novas possibilidades educativas'	Borges, carla juliana pissinatti	Universidade de são paulo, são paulo biblioteca depositária: feusp	Mestrado em educação instituição de ensino	Sudeste	01/05/2010	http://biblioteca.posgraduacaoredentor.com.br/link/?id=2280180
2004	A educação ecoprofissional de jovens em zonas periurbanas? Reflexões em torno de uma experiência	Gonçalves, paulo marco de campos	Universidade de são paulo, são paulo biblioteca depositária: feusp	Mestrado em educação instituição de ensino:	Sudeste	01/03/2004	http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/1952
2019	Educação em espaço não formal: reconstrução de saberes, comportamentos e atitudes	Rocha, viviane sousa		Programa de pós-graduação em ensino de ciências e educação matemática – ppgecem	Nordeste	05/10/2021	http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3360
2014	O saber ecológico em atividades de educação ambiental desenvolvidas num parque municipal da cidade de são paulo	Tathiana popak maria Maria, tathiana popak	Universidade de são paulo	Ensino de ciências	Sudeste	05/10/2021	https://bdtd.ibict.br/vufind/record/usp_22af2ffdc31086e7e6a85eb8d2dc8ae9
2021	A canoagem como espaça não formal em educação matemática	Haetinger, Márcio Ricardo da silva.	Universidade federal de santa maria	Programa de pós-graduação em educação matemática e ensino de física	Sul	05/10/2021	https://bdtd.ibict.br/vufind/record/ufsm_8a1d1a19bf5f45ece17f89b21e48f06a

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

São trabalhos que enriquecem a discussão nesse campo educacional, vivenciada nos espaços formais e não formais. Foi analisado que os trabalhos tiveram um viés metodológico da pesquisa qualitativa e tem a presença marcante da concepção filosófica e método científico do materialismo histórico e dialético.

Seguindo a análise da nossa seleção de trabalhos para a composição desse item, observamos que os autores anunciam como descritores: espaço não-formal e espaço formal a partir de definições conceituais variadas, mas não deixa claro qual caracterização do espaço empírico das suas pesquisas, as suas implicações

pessoais e profissionais que os impulsionaram, a escolha da temática em pesquisar, o campo empírico e nem qual tipo de educação ocorrem nesses locais.

Quando problematizamos o objeto de estudo desta pesquisa levantamos questionamentos sobre a temática, as contribuições, tanto técnicas quanto científicas e a escolha do método como fator relevante para pensarmos no avanço do conhecimento da Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz. Compreender os entraves que o estudo apresenta, possibilita também pensar o que ninguém pensou sobre aquilo que todo mundo vê sendo concluída dentro do prazo regular para o curso de Mestrado. Essa revisão de literatura também nos ajudou a pensar na relevância que tem para o processo educativo em geral, focando nos espaços não formais, evitando pesquisar algo que já se possui um consenso, contribuindo para a originalidade do seu trabalho de modo a provocar a sua problematização (SANTOS, 2015). Nesse caminhar de revisão de literatura, notamos a ausência de registros bibliográficos a partir da análise do método da Fenomenologia Sociológica, que é o método escolhido para compor essa pesquisa e que tem a contribuição de Alfred Schütz no desenvolvimento da filosofia fenomenológica de Husserl como a base de uma filosofia das ciências sociais, particularmente para a teorização formulada por Max Weber.

A pesquisa de Borges (2010) aborda debate internacional sobre icompetências, explorando novas possibilidades educativas tendo como intuito revigorar o debate sobre as possibilidades educativas encontradas também fora da escola a partir da perspectiva de competências e de contribuir, assim, para a expansão desse debate para além dos limites da educação escolar.

Borges ainda (2010) aponta o histórico da evolução do conceito de competências até contextualizá-lo no âmbito das práticas de educação não-formal, amparados, sobretudo, nos referenciais da pedagogia social, que se propõem a estudar esse universo educacional em específico. A pesquisa referenciada dispõe de uma análise qualitativa, em que o autor integra em sua metodologia a pesquisa-ação como forma de investigação, a *práxis* social, as abordagens sócio-históricas e a pesquisa teórica como pesquisa empírica a partir de autores como Freire, Saviani, Piaget. Utilizou a análise de conteúdo de Bergman, como um conjunto de técnicas de análise e para tratar da educação não-formal, Borges se referenciou em Glória Gohn, Ghanem e Trilla, Cascas Terán, Bianconi, Caruso, Morais, Oliveira, Gastal. O referido trabalho é um estudo que dialoga com a

perspectiva das práticas educativas em espaços formais e não-formais de educação.

A autora Rodrigues (2021) faz um recorte de uma *Gestão pedagógica e práticas educativas em espaços não-formais de educação: um estudo no centro de promoção da infância e da juventude. Este,* investiga as práticas educativas na educação não-formal e a gestão pedagógica no Centro de Promoção da Infância e da Juventude. A metodologia da pesquisa mencionada é de abordagem qualitativa com inspiração na pesquisa-ação, na qual foram analisados diversos documentos institucionais e os que orientam o convênio público com a Prefeitura de Porto Alegre na área da assistência social e educação.

Rodrigues (2021) utilizou entrevistas semiestruturadas com dois educandos, dois educadores e um gestor, junto a observação participante registrada em diário de campo no decorrer da pesquisa. Na análise do conteúdo, realizada na perspectiva crítica, outro eixo de análise foram os objetivos e metodologias que orientam as práticas educativas e a relação entre os documentos e as práticas cotidianas. Em sua fase conclusiva, a autora identifica que a gestão pedagógica, as práticas educativas, os objetivos e metodologias, de modo geral, estão alinhados com as características da educação não formal, no que se refere a sua estruturação e organização.

Contudo, algumas tensões são constatadas nessa relação, tais como: a necessária prudência para que não se reproduzam as práticas da educação formal nesse espaço não formal; o equilíbrio nas ações que envolvem os objetivos institucionais cristãos, as metas estabelecidas nos projetos em parceria com o poder público e as exigências dos convênios *versus* a liberdade de ação institucional (RODRIGUES, 2021).

Novaes (2018), autor da pesquisa *Um minicurso para a atuação de mediadores na educação não-formal em ciências da natureza* utilizou as palavras-chave que descrevem a sua pesquisa: formação de mediadores, educação não formal, popularização da ciência, abordagem humanística para o ensino da astronomia, estratégias de mediação. Foi a partir dessas palavras-chave que Novaes (2018) apresentou os principais conceitos, entraves e possibilidades do estudo, no qual descreve uma proposta de minicurso para mediadores envolvidos em práticas de educação não-formal em ciências, com a finalidade principal de oferecer suporte no desenvolvimento de estratégias de mediação.

A proposta contempla plano de curso e textos de apoio. Para sua

elaboração, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a mediação em educação não-formal e a observação participante no contexto de um projeto que desenvolve mostras de astronomia com planetário móvel e objetos interativos. O autor usou como base três elementos teóricos: a abordagem humanística para o ensino da astronomia; a ideia de popularização da ciência; e a proposta dos três níveis de interação do público que devem ser almejados, numa exposição, "*hands-on*", *"minds-on*", e "*hearts-on*". Com isso, no que diz respeito às formas de provocar o público, chega-se às seguintes categorias de ações a serem evocadas, durante as mediações: observar, perceber; manusear; expressar-se, indagar-se; gerar e explorar hipóteses; refletir, imaginar sobre; resolver situações problemas; sentir, emocionar-se. As dimensões a se observarem na relação com os objetos, as ações a serem evocadas na mediação e alguns fundamentos sobre especificidades da educação não-formal compuseram o programa do minicurso e dos textos que o autor elaborou para apoio ao mesmo.

O curso elaborado por Novaes (2018), de carga horária de 20h, contempla entre as atividades a produção coletiva de objetos e simulações de mediações em torno destes. Curso e material com textos de apoio foram aplicados numa turma de 21 participantes, entre alunos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Instituto Federal a do Rio Grande do Norte (IFRN), e alunos do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática – PPGECNM também na UFRN. Foram dados os destaques da análise de áudios e questionários, bem como das produções desenvolvidas pelos participantes, o alto nível de interesse pela temática, tendo o curso sido, para a maioria, o primeiro contato com a discussão sobre a educação não-formal. Segundo o autor, houve um envolvimento marcante com as atividades propostas, constatando-se, ao final, a intenção da maioria dos participantes de aplicar as simulações em situação real, junto a um público externo.

Os conteúdos identificados com mais frequência, como contribuições significativas do curso, foram os referentes às especificidades da educação não-formal. O estudo concluiu que a proposta se mostrou extremamente motivadora, e proveitosa particularmente no que se refere a favorecer a consciência e reflexão em torno do objeto e das mediações com os mesmos, sendo que deve ser acatada a sugestão dos participantes de aumento da carga horária, a fim de prolongar o tempo dedicado ao uso das formas de provocação ao público no planejamento e avaliação

das simulações, propiciando um uso mais consciente delas.

Borges (2010) contribuiu com a ideia da educação fora do contexto escolar e mostrou em sua pesquisa os maiores desafios que se interpõem à educação neste início de século, qual seja, encontrar as bases para promover uma educação de qualidade para todos. É um trabalho que apresenta ideias da educação para o desenvolvimento de competências, que tem encontrado eco entre teóricos de todo o mundo e, mais recentemente, também entre pesquisadores e autoridades brasileiras. O trabalho verificou que no Brasil e em diversas outras localidades, apesar da rápida incorporação do conceito de competências nos mecanismos de regulação educacional no Brasil, a maioria das discussões sobre as competências permanece focada sobre a esfera da educação escolar, negligenciando o imenso universo de práticas educativas concebidas em contextos não-formais e que podem se revelar estimuladores privilegiados de determinadas competências, entre as quais as competências relacionadas ao convívio social.

A presente proposta compõe um debate sobre as possibilidades educativas encontradas também fora da escola a partir da perspectiva de competências e de contribuir, assim, para a expansão desse debate para além dos limites da educação escolar.

Isso posto, a partir dos achados nas pesquisas mencionadas, observamos que o termo educação surge nas escritas apresentando múltiplos conceitos. Notamos que os autores, na maioria das vezes, vêm compreendendo a educação como um movimento diverso, realizado por pessoas e para as pessoas, com intuito de proporcionar à sociedade ferramentas que possam auxiliar no desenvolvimento das suas atividades cotidianas. Com isso, faz-se necessário pensar uma educação, ao longo da vida, no partilhar das experiências e vivências do mundo da vida.

Um dos conceitos de educação que embasa essa pesquisa transita na prática que se propõe a considerar as experiências do ser humano no mundo da vida. Nesse sentido, entende-se como relevante uma educação que dê suporte aos vários aspectos sejam eles, culturais, sociais, científicos. Para a Fenomenologia Sociológica, o mundo cotidiano é o cenário onde as pessoas vivem, o qual já se encontra estruturado previamente, anterior ao seu nascimento. A leitura dessa realidade definida faz o homem agir de modo natural, a partir do que lhe é apresentado como realidade social. Schutz (2009) denomina como atitude natural essa forma de o sujeito colocar-se no mundo da vida, sendo esse diálogo que

posiciona o sujeito em contato com suas experiências cotidianas.

O tipo de processo educativo que se debruça em compreender o cenário fora da escola é o espaço da educação informal que tem como objetivo socializar os indivíduos e desenvolver hábitos e atitudes. Já a finalidade da educação não-formal é proporcionar conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais (GOHN, 2006).

O autor Vieira (2008) também contribui pesquisando os processos educativos de natureza não-formal desenvolvidos pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC), no período de 1970 a 1980 e tem como objetivo central: compreender como se efetivou os processos educativos não-formais, a partir das práticas comunitárias desenvolvidas pelo MOC, no município de Feira de Santana e microrregião, no período de 1970 a 1980. Para tal, Vieira (2008) optou por fazer um estudo de caso e uma análise documental a partir de documentos oficiais de fundação do MOC e, principalmente, a partir de relatórios oficiais anuais de trabalho. No processo de conclusão, a pesquisa indicou que o MOC em suas práticas de assessorias comunitárias, enquanto um processo educativo não-formal, possibilitou a comunidade formar uma consciência política, com forte base crítica, para construção da cidadania coletiva.

No caso do presente texto dissertativo, contaremos com a entrevista com roteiro semiestruturado na escuta das narrativas dos educadores sociais enquanto tática de compreensão do espaço empírico e conhecer as interações desenvolvidas neste local. A Casa Aurora está se debruçando para criar um estatuto descritivo que apresenta a unidade e a torne mais visível.

A autora Nilma Crusoé (2014), elucida a importância da escolha do método para o desenvolvimento e os achados, nesse sentido a escolha pela abordagem qualitativa Fenomenológica se justifica por incidir sobre o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, “[...] é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais concretos e aprofundadas em seus significados mais essenciais” (MINAYO, 2010, p. 21-22). Logo, a proposta é desenvolver uma pesquisa com base em sentidos e significados do fazer dos educadores sociais nesta casa

> [...] consiste numa pesquisa sistemática, sustentada em princípios teóricos (multiparadigmáticos) e em atitudes éticas, realizadas por

> indivíduos informados (teórica, metodológica e tecnicamente) e treinados para efeito; pesquisa tem como objetivo obter junto dos sujeitos a investigar (amostras não estatísticas, casos individuais e casos múltiplos) a informação e a compreensão (o sentido) de certos comportamentos, emoções, modos de ser, de estar e de pensar (modos de viver e construir a vida); trata-se de uma compreensão que se deve alcançar tendo em conta os contextos humanos (institucionais, sociais e culturais) [...] (AMADO, 2017, p. 17).

Praxedes (2004) apresenta definições das práticas educativas em espaços não-formais como um recurso didático catalisador de motivação e interesse, tanto por alunos como por professores. O texto noticia o crescimento dos espaços não-formais e como coincide com as mudanças recentes no mundo no campo social, político, econômico e cultural. Uma dessas consequências, é o crescimento de outras instâncias difusoras de conhecimentos quebrando, assim, a hegemonia da escola.

Dessa forma, o referido trabalho buscou investigar a frequência e as formas de utilização dos espaços de educação não-formal por professores de biologia do ensino médio na cidade de Natal-RN. Foram identificados quais são os campos de educação não-formal que são utilizados, além de descrever os recursos, as ações desenvolvidas nesses lugares, a existência ou não de interesse e a importância que atribuem aos mesmos para o ensino da biologia, além de divulgar os espaços utilizados como recursos didáticos. Foram feitas observações dos locais, aplicados questionários e entrevistas com os professores que realizam atividades ligadas a tais instituições. Para a análise dos dados se utilizou da abordagem qualiquantitativa (PRAXEDES, 2004).

A base referencial teórica teve como objetivo se debruçar nos autores que buscam estabelecer as relações entre as diferentes modalidades de educação para melhor compreender o que é a educação não-formal e o seu percurso histórico Praxedes (2004) relata em sua pesquisa que os professores utilizam os espaços de educação não formais, embora a quantidade de visitas ao ano seja reduzida, em virtude de várias dificuldades por eles apontadas, tais como o transporte, a falta de recursos financeiros e de apoio para viabilizar a visita, dentre outras.

O autor verificou, também, que os professores demonstraram um alto interesse pelos espaços não formais e apontaram como principais justificativas para considerá-los importantes para o ensino da biologia a possibilidade estabelecerem conexões entre a teoria e a prática, além da complementaridade.

2 METODOLOGIA

O ponto de partida para pensarmos na metodologia de investigação desta pesquisa em educação, dá-se inicialmente pelos estudo sobre os fundamentos husserlianos presentes na fenomenologia de Schutz onde Husserl vai pensar a fenomenologia a partir da filosofia Edmund Husserl (1859-1938). Para o autor, as experiências do ser humano consciente que age e vive em mundo, atribui-se a percepção do mundo que ele vive e interpreta, é o que faz sentido para ele consciente.

Eu sou consciente das coisas na medida em que entendo que as coisas existem fora de mim e continuarão a existir e eu posso acessá-las por meio da memória, de modo tipificado (síntese de diferentes perspectivas da realidade).

Desse modo, a fenomenologia pensada por Schutz estrutura-se nas ciências sociais como uma sociologia da vida cotidiana, que é influenciada pela sociologia de Max Weber, buscando o significado subjetivo da conduta social. Ambos autores não pensaram no estudo da fenomenologia para a educação e sim no conceito de consciência e de intencionalidade. Isso nos convida a dar continuidade aos estudos da Fenomenologia pensada por Schutz e trazer a construção dessa escrita a partir do objeto de estudo que busca compreender os sentidos atribuído às práticas educativas desenvolvidas na Casa Aurora pelos educadores sociais, perpassando pelo encontro com a Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz em seu aspecto teórico metodológico, em qual os dados coletados pelo roteiro semiestruturado de entrevista enquanto dispositivo interpretado à luz da análise de conteúdo e que transitará na perspectiva da investigação social qualitativa.

Schutz irá se apoiar em Husserl para desenvolver teoria e método de apropriação de significados da ação social, o que implica pensar como os fenômenos se apresentam à consciência. (CRUSOÉ, SANTOS, 2020). Schutz (2012) toma como princípio que só é possível conhecer a experiência significativa dos sujeitos, via conhecimento da intencionalidade, movimento que somente à consciência compete fazê-lo (CRUSOÉ, SANTOS, 2020). É importante dizer que Schutz, com base nos princípios filosóficos de Husserl, “dá consistência sociológica aos princípios filosóficos de Husserl e cria teoria e método para abordagem da realidade social” (MINAYO, 2010, p. 144).

Uma análise será feita para interpretar em primeira mão as mensagens e

atingir uma compreensão de seus significados em um nível que vai além de uma leitura comum, no sentido de pensar o mundo cotidiano como o cenário onde o ser humano vive, o qual já se encontra estruturado previamente, anterior ao seu nascimento. A leitura dessa realidade faz o homem agir de modo natural, a partir do que lhe é apresentado como realidade social. A análise de conteúdo como técnica metodológica vai buscar fragmentar esses conteúdos encontrados no campo empírico em temas, proposições ou acontecimentos, de modo a nos permitir a descoberta de outros sentidos interpretativo-ocultos que não se expressa na exterioridade do discurso (PAIS *apud* AMADO, 2000, p.56).

Exploraremos também a Casa Aurora como espaço empírico dessa pesquisa que dialoga com diversas pautas sociais acerca das questões LGBTQIA+ e dos avanços que essas discussões acerca da relação de gênero proporcionam na nossa sociedade. Nesse contexto, tendo em vista o alcance dos objetivos propostos, julgou-se necessário a opção pela abordagem de natureza qualitativa, que segundo Godoy (1995), possibilita captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas e vivências do sujeito nele envolvidas, ou como explica Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Realizamos 3 entrevistas semiestruturadas utilizando o roteiro baseado em Crusoé (2014).

Como se refere Schutz (2008) trabalhar com fenomenologia sociológica compreensiva como método de pesquisa e, para tal, as considerações sobre aspectos metodológicos começam com a descrição da pesquisadora diante do material coletado, fundamental no estilo científico de investigação. A isso se segue um estudo da formação das construções sociológicas de acordo com as regras de relevância e seus postulados como consistência lógica, interpretação subjetiva e adequação. Vem então, a discussão das razões e funções da adaptação à sociologia de modelos de ação racional.

Destaca-se então que o presente capítulo apresenta a base teórica e metodológica da Análise de Conteúdo como técnica (CRUSOÉ, 2014, p. 68) pensada para descrever e interpretar o conteúdo e desvendar sentidos desses discursos apresentados pelos educadores que fazem parte do espaço educativo Casa Aurora.

2.1 Caminhar histórico: a construção da sigla LGBTQI+

A construção deste item visa dialogar sobre o processo que adquirimos no conhecimento quanto diversidade sexual nos espaços não-formais de educação, evocando as nossas experiências e as movimentando para que se conecte com pessoas lésbicas, gays, travestis e transexuais que fizeram (e fazem) para serem vistos na sociedade como, pessoas conscientes de seus deveres e direitos, enfim seres humanos e cidadãos.

Facchinni e Simões (2008) atentam para o fato de que a sigla do movimento LGBT é ainda bastante recente, pois até 1992 o termo usado era “movimento homossexual brasileiro”, designado pela sigla HMB. O termo “lésbicas” passou a ser usado no encontro de 1995, ano que foi criada a Associação de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT) e que recentemente passou a se denominar Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. O termo “travesti” foi acrescentado no encontro de 1997 e os termos “bissexuais” e “transexuais” foram incluídos no encontro de 2005. Os autores ainda salientam que embora a sigla seja LGBT, ela sofre variantes, quando invertem a ordem das letras, duplicam o T, para distinguir travestis de transexuais ou acrescentam letras que remetem a outras identidades, como o I de intersexual ou o Q de *queer* (*apud* DUARTE, 2010, p. 307).

As vivências nos espaços não-formais, que percebemos luta, resistência, a força dos movimentos coletivos que buscam direitos sociais e sua efetividade. Dentre esses, o Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) vem se mostrando atuantes na composição das ações coletivas e na criação das políticas na esfera federal, como no Programa Brasil Sem Homofobia no ano de 2004.

A pesquisa também apontou que a postura crítica acerca do papel do terceiro setor e de como a sua atuação é explicitamente justificada, tanto pela sociedade, Estado no cumprimento das políticas públicas e sociedade nas ações em prol as LGBTQI+. Esse cenário se agrava devido a insuficiência dessas políticas quanto à redução das violências sofridas pela população LGBTQI+. Como resposta, notamos o surgimento nos últimos anos de diversas iniciativas no âmbito nacional que visam produzir espaços seguros e de desenvolvimento pessoal para pessoas LGBTQI+. Uma dessas iniciativas é a criação de instituições voltadas para o acolhimento desse público, sendo a Casa Aurora um exemplo dessas. Nessas

Casas, além dos suportes básicos de assistência - como moradia, alimentação e higiene pessoal -, as moradoras e os moradores têm acesso a serviços de saúde integral, iniciativas que visam a sua reinserção cultural e social e a sua emancipação.

Em setembro de 2019, ocorreu em São Paulo o I Fórum de Casas de Acolhida LGBTQI+, no qual participaram 12 projetos de casas de acolhida e assistência à população LGBTQI+ em todo o país (AURORA, 2019).

Nesse contexto, optou-se pelo foco no público trans como forma de delimitar a pesquisa e dar importância para as falas dos idealizadores do campo empírico, Selena e João, também por se tratar da maior população acolhida pela Casa Aurora. Esse termo que compõe a sigla T “transexualidades” utiliza-se para diversos segmentos que a transgeneridade possui e para que essa diversidade fique explicitada neste tópico é necessário realizar a diferenciação, de maneira resumida, entre o gênero, a identidade de gênero, a orientação sexual e a expressão/performance de gênero. Essa utilização abarca uma série de questionamento do segmento que a transgeneridade

O gênero é o conjunto de características sociais e culturais ligadas às percepções de masculinidade e feminilidade. Segundo Ribeiro (2010), o gênero realça a ligação entre o caráter social e cultural do ser humano. Para Butler (2005 *apud* RIBEIRO, 2010, pág. 31) o gênero é um fenômeno inconstante e contextual que não denota ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. Logo, gênero é uma construção social que está ligado de maneira correlacional com diversas relações específicas, culturais e históricas. São movimentos que tencionam diálogos entre a sociedade civil, os movimentos coletivos e os poderes públicos. Na Bahia, estado que acontece esta pesquisa, contamos com o Grupo Gay da Bahia (GGB), coletivo fundado em 1980 e, no cenário brasileiro, é a mais antiga associação em atividade na defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil.

O GGB, faz parte desses movimentos que tencionam diálogos com a própria sociedade civil. Como grupo sem fins lucrativos que a partir dos anos 1990, segundo vários estudiosos do tema, a exemplo de Regina Facchini (2005), “o então Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) começa a se diversificar, com a criação de coletivos de lésbicas e travestis”.

Destarte, foram surgindo, a partir daí, outras organizações de defesa do direito à diversidade sexual e de gênero, como o Grupo Esperança (em 1994 -Curitiba), a Associação das Travestis de Salvador (ATRAS), em 1995. Segundo aponta Carvalho e Carrara (2013, p. 328); “o grupo Filadélfia, também em 1995, em Santos; o grupo Igualdade, em Porto Alegre; e a Associação das Travestis na Luta pela Cidadania, (Unidas), de Aracaju, ambos em 1999”.

No início dos anos 90, travestis e transexuais não estavam incluídas explicitamente no ainda chamado MHB. Então, a partir daí, quando esse movimento se apresentou como ação coletiva, claramente houve o avanço nas lutas de diferentes categorias sociais, e que puderam encontrar algum espaço de representação política.

> No ano de 1995 pela primeira vez, organizações de travestis participaram formalmente de um espaço do movimento, no VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. Em seu âmbito criava-se a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT).
>
> O termo ‘travesti’ passou então a fazer parte oficialmente da sigla, e também do nome dos encontros nacionais, como o que aconteceu em 1997, chamado de EBGLT (Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis) Nesse momento, a letra “T” acrescida à sigla do movimento dizia respeito apenas a “travestis”. A entrada formal da categoria “transexual” é mais tardia, só passando a ter maior presença no cenário político nacional em meados da década de 2000” (CARVALHO; CARRARA, 2013, p. 331).

Segundo alguns entrevistados, em 1995 foi fundada a Organização Transgênero Brasileira (GBT) (CARVALHO; CARRARA, 2013, p. 331). Cinco anos depois, começaram a surgir grupos políticos voltados especificamente para pessoas trans.

O autor apresenta a data 24 de janeiro de 2005 como um marco em Curitiba, durante o I Congresso da ABGLT. Aqui foi fundada a União Brasileira de Transexuais (UBT). A criação de uma Organização que ficou ativa por poucos meses (CARVALHO; CARRARA, 2013, p. 331).

Logo mais, outras organizações criaram força e permanecem ativas até os dias atuais. O Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT), em atividade até hoje, compõe esse cenário de luta. Junto com os avanços dos movimentos coletivos a sigla que, inicialmente, era MHB passou a ser GLBT e depois LGBT. “A inversão das letras foi deliberada na primeira Conferência Nacional LGBT, realizada em

Brasília, em 2008. A mudança objetivou dar mais visibilidade às lésbicas." (CARVALHO; CARRARA, 2013, p. 331).

2.2 A transexualidade no espaço não-formal de educação

Aqui neste item falaremos um pouco sobre transexualidade que caracteriza a identidade de gênero dos informantes desta pesquisa e os motivos que nos levou a pesquisar o sentido atribuído às práticas educativas desenvolvidas por esses educadores sociais Trans da Casa de Acolhimento Aurora.

Figura SEQ Figura * ARABIC 2:
Símbolo da bandeira Transexual
Transgênero Vetorial

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, a transexualidade é uma identidade de gênero e não uma orientação sexual como o lesbianismo, a homossexualidade e a bissexualidade. Segundo Bento (2008), não existe um movimento específico para a constituição das identidades de gênero para os/as transexuais.

A autora ressalta que o gênero só existe na prática, o que a Fenomenologia chamaria de na experiência do mundo da vida, e sua realização se dá mediante reiterações cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino, em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. Durante a fala dos informantes compreendemos a importância em definir o termo transgênero em seu contrário, "cisgênero" o é termo utilizado para definir as pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado biologicamente em seu nascimento. A informante Oda, fala que dentro da Casa, essas definições ocorrem a partir de uma prática das experiências,

> […] não é nada didático, é tudo muito fluido[...]. Isso existiu. João e Selena, eles também eram as pessoas para lhe dizer como é ser uma pessoa trans, e pelo fato de serem coordenadores tinha um peso maior. Acho que isso também faz parte da coordenação. Mas é diferente quando você conversa, você acolhe, conversa com a pessoa que coordena e essa pessoa não é cis [...]".

Em outros momentos os informantes falam o quanto tem medo de sair nas ruas, medo da violência e do cenário assustador de homicídios das pessoas transexuais. Essa violência, começa nos núcleos familiares, no período de transição, onde contexto do gênero, a "passabilidade" está ligada a como a sociedade enxerga uma pessoa trans. Quando existe essa passabilidade, a pessoa trans é enxergada como alguém cis pela sociedade, pois o corpo e a estética estão "adequados" ao padrão esperado. Juan Antonio diz:

> Na Aurora, eu senti totalmente protegido foi a primeira vez que eu chego no lugar que eu não conhecia as pessoas e pude me reconhecer como Juan sem ninguém me questionar quem eu fui, me sentia em casa, tinha essa questão de ajudar todo mundo conversar ali e a qualquer momento que eu precisar para chegar então eu comecei a mudar minha percepção de querer nunca menti foi bem.

Diante do cenário dito pelo informante, que inclui o medo da violência e não aceitação das pessoas nos ambientes formais e não-formais, os dados mais recentes que encontramos de homicídios a pessoas transexuais, é o da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA) que registrou 80 assassinatos de pessoas transgênero no primeiro semestre de 2021. Ainda assim, esse número não consta no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois a conta se limita ao registro de homicídios divididos entre sexo ou órgão genital. Os dados qualitativos quanto as demandas da população trans indicam que estão com a menor expectativa de vida, os menores níveis de escolaridade e a maior taxa de evasão escolar, contexto, as pessoas trans têm escassa representatividade no mercado de trabalho e muitas delas precisam recorrer à prostituição como principal forma de garantir a subsistência. Dito isso, a Casa Aurora encontra caminhos para contribuir com a superação dessa situação de exclusão social vivida por muitos nesse momento. As vozes escutadas nessa pesquisa serão dos informantes abaixo:

2.3 O campo empírico e a escolha dos informantes da pesquisa

Essa etapa da pesquisa se constitui a partir da parceria com educadores sociais da Casa Aurora. Inicialmente foi comunicado aos coordenadores e educadores da Casa Aurora o interesse em fazer a pesquisa, houve o esclarecimento da proposta, apresentação dos os objetivos e, nesse momento, questões foram apresentadas como sigilo das informações e certo receio por não conseguir contribuir positivamente para a pesquisa. Inicialmente, o critério de seleção dos informantes seria de cinco educadores representativos da sigla LGBTQI+, essa escolha precisou ser modificada com o fechamento da Casa no ano de 2021, onde os sujeitos não foram localizados para a entrevista. Notou-se que, neste momento, precisar-se-ia repensar o objeto de estudo para continuidade da pesquisa, o que também demandaria de escolher novos informantes. Fomos noticiados pela coordenação da Casa retomada dos acolhimentos presenciais e a maior procura estava sendo pelo público trans, decidimos então direcionar as entrevistas para o público trans e compreender o sentido atribuído por esses educadores às práticas educativas. Destarte, três informantes trans foram convidados (as) para compor essa pesquisa, mantivemos contato com todos (a) e tivemos o retorno positivo e o interesse em contribuir para a construção dos dados.

NOME DO INFORMANTE	IDENTIDADE DE GÊNERO
João Hugo	Homem Trans
Oda	Mulher Trans
Juan Antônio	Homem Trans

Os informantes fazem parte do campo empírico e passaram pelo processo de cumprimento de regras de convivência entre serem acolhidos e estarem no papel de educadores sociais.

2.4 Procedimentos de investigação e construção de dados

A Casa Aurora dispõe de uma apresentação teórica universal que utilizamos para a divulgação do seu trabalho em prol da comunidade LGBTQI+ e fomos autorizados formalmente pelo coordenador a utilizarmos integralmente nesta

pesquisa. Dentre os dispositivos para construção de dados desta pesquisa, foi elaborado um roteiro semiestruturado para a realização das três entrevistas (APÊNDICE A), com intuito de compreender as práticas desenvolvidas na Casa Aurora, a partir das suas narrativas dos educadores sociais trans. Retoma-se que, para a escolha dos informantes seguimos o seguinte percurso: entramos em contato com um dos idealizadores da Casa Aurora, João Hugo[6], explicamos o objetivo da nossa pesquisa e o que ela se propõe, o mesmo se mostrou interessado em participar e indicar os educadores (as) trans que atuam na Casa Aurora.

Após a escolha dos informantes, formalizou-se o convite através de e-mail, em anexo os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No roteiro de entrevista foram elencadas questões norteadoras definidas a partir de temáticas centrais como história de vida e trajetória junto a Casa Aurora (antes, durante e depois da entrada no Movimento), as atividades realizadas com a Casa, as percepções quanto às mudanças que ocorreram em sua vida com a entrada na Casa, as práticas educativas desenvolvidas na Casa, bem como o tipo de educação que ocorre na Casa, o que espera da Casa e como quer continuar contribuindo.

Através da entrevista o sujeito pode se expressar livremente sobre as temáticas perguntadas, complementando com o que desejava expressar (MINAYO, 1996). Ao conduzir a entrevista, semiestruturada, buscamos desenvolver uma conversação, rompendo com a distância com a hierárquica.

Nessa linha de pensamento, o significado é fenômeno intersubjetivo, portanto social e histórico se configura na dialética com o mundo social, os sentidos. Para a realização da entrevista pedimos a autorização do sujeito para gravar, explicamos o intuito da pesquisa, pedindo que assinasse um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, salvaguardando a ética em pesquisa científica.

2.5. Estratégias de análise de dados

A análise de conteúdo pode ser definida como “uma técnica que possibilita o exame metódico, sistemático, objetivo e, em determinadas ocasiões, quantitativo, do conteúdo de certos textos, com vista a classificar e a interpretar os seus elementos constitutivos e que não são totalmente acessíveis à leitura imediata” (ROBERT; BOUILLAGUET *apud* AMADO; COSTA; CRUSOÉ, 2013, p. 304). É preciso buscar

[6] Documento disponibilizado pela coordenação da Casa Aurora

nas narrativas as categorias teóricas que nortearão o trabalho, fazendo-se a devida relação com os objetivos da pesquisa.

> [...] o aspecto mais importante da análise de conteúdo é o facto de ela permitir, além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) através da sua codificação e classificação por categorias e subcategorias, o avanço (fecundo, sistemático, verificável e até certo ponto replicável) no sentido da captação do seu sentido pleno (à custa de inferências interpretativas derivadas ou inspiradas nos quadros de referência teóricos do investigador), por zonas menos evidentes constituídas pelo referido "contexto" ou condições de produção. (AMADO; COSTA; CRUSOÉ, 2013, pp. 304-305).

Diante desse processo investigativo, um dos aspectos mais importantes da análise de conteúdo é o fato de ela permitir, além de uma coerente e objetiva representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) também sua codificação e classificação por categorias e subcategorias que optamos por trabalhar a partir dos parágrafos como unidade de sentidos

ÁREA	CATEGORIA	NOTA EXPLICATIVA
Torna-se educador social da Casa Aurora	Motivação Inicial – Acolhimento Experiência com formação cidadã	O que permitiu conhecer o processo entre acolhidos/educadores em termo de experiência de vida, formação cidadã e relacionar com a prática desenvolvida na Casa Aurora.
Os pensamentos dos educadores sociais que atuam/atuaram na casa Aurora	Conceituação Princípios orientadores da Prática desenvolvidas pelos educadores sociais da Casa Aurora	O que possibilitou reconhecer como os educadores conceitual a prática desenvolvida na casa Aurora. Identificar quais os princípios que eles constroem junto a prática.
Práticas educativas da Casa Aurora	Estratégias para vivenciar o cotidiano na Casa Aurora Processo de disciplinarização na transição de Acolhidos/Educadores da	O que facilitou compreender o modo como os educadores organizam o conjunto de requisitos pessoais para realizar as práticas educativas na Casa Aurora bem como o

	Casa	modo como elas representam as dificuldades e as possibilidades de tal processo

Vale ressaltar que o grande objetivo da análise de conteúdo é o de organizar os conteúdos de um conjunto de mensagens num sistema de categorias que traduzem as ideias-chave veiculadas pela documentação em análise (CRUSOÉ, 2014). Para isso, há que começar por compartilhar os textos nas unidades de sentido que se considerarem pertinentes em função das características do material a estudar, dos objetivos do estudo, e das hipóteses formuladas (caso haja). Neste processo, buscamos captar a fala do sujeito escolhido nas relações estabelecidas em diversos momentos dentro do contexto da Casa Aurora. Esses dados foram possibilitados pela inserção da escuta do pesquisador e percepção do não dito pelo informante nos diversos momentos da entrevista, que permitiu uma maior aproximação da prática desenvolvida por ele na Casa Aurora e possibilitou captar o processo vivido pelo mesmo, bem como ampliou as possibilidades de captar os sentidos. Para discorrermos acerca das categorias de análise de conteúdo, é importante que haja uma contextualização de alguns elementos como, por exemplo: a importância do sujeito no desenvolvimento das práticas na Casa Aurora.

É interessante que, por vezes, uma mesma narrativa pode nos apresentar duas ou mais categorias de análise, neste sentido a análise de conteúdo serve para filtrar aquilo que de fato servirá para o dado que se pretende obter. Na presente pesquisa a análise procedeu-se da seguinte forma: transcrição da entrevista gravada via plataforma online, leitura exaustiva, busca de categorias de análise mais significativas e utilização de parágrafos como unidade de sentidos

Observou-se que a primeira entrevista nos trouxe informações para entender a dinâmica do informante, o mesmo estava implicado em outros projetos além da Casa de Acolhimento e nos noticiou que a Casa de Acolhimento estava enfrentando dificuldades para manter o seu espaço físico em funcionamento.

3 A EXPERIÊNCIA DE VIDA NA RELAÇÃO ENTRE O SER ACOLHIDO (A) E EDUCADOR (AS) DA CASA AURORA.

Neste item serão abordadas as experiências de vida, e a relação entre o ser acolhido e ser educadores da casa aurora. Nesse momento, os informantes buscam fazer uma apresentação sobre si e as motivações que os levaram a procurar a Casa e fazer parte desse contexto a partir das experiências construídas no mundo da vida, na relação com os sujeitos na Casa Aurora. João, um dos idealizadores da Casa, começa a entrevista fazendo uma apresentação pessoal e contando sobre o seu processo idealizador da casa.

> Eu sou homem trans, ativista LGBT aqui de Salvador. Sou produtor visual, gestor de projetos, enfim. Atualmente, estou no selo da diversidade do município de Salvador, faço parte do Comitê de Técnica de Cuidado e Saúde, integrava a população LGBT e por aí vai. Então, eu fui um dos idealizadores e coordenadores da Casa Aurora. Atualmente, a gente não está trabalhando com abrigamento, estamos trabalhando com atendimento psicológico gratuito e assistência no geral da população LGBT (João).

Perguntado sobre a relação com o espaço, João diz: “idealizei o projeto desde o início até o final e coordenei, inclusive, morando dentro do espaço com as pessoas que eram acolhidas ou que passavam pelo atendimento ali”. O informante ainda continua: “então, o fato de eu ser uma pessoa trans, um cara trans especificamente, me fez pensar na possibilidade de um acolhimento para a população que atravessa necessariamente”. Essa motivação gera o interesse, de poder ajudar outras pessoas trans que vivenciam o processo de exclusão.

> [...] Algumas pessoas trans, que não é o meu caso, por exemplo, eu não tenho uma má relação familiar, minha relação familiar é muito tranquila com minha mãe, com os meus irmãos, enfim, com a minha família, não fui expulso de casa, não tive nenhum problema que fosse relacionado à minha identidade de gênero em relação à família ou sociedade como um todo, por ser quem eu sou (João).

A informante Oda, no começo da sua entrevista, apresenta-se e fala de como chegou até a casa Aurora “[...] 23 anos, sou uma travesti, sou artista interdisciplinar, sou cantora, compositora, desenhista. E eu costumo dizer que eu sou um corvo predisposto, né? Há diversas manifestações artísticas. E sou uma

bruxa, né? Enfim. Ah, eu acho que é isso.” [...]

Sobre a motivação para buscar a Casa Aurora Oda diz: “O que me levou até a Aurora foi uma busca, assim, antes de vir para Salvador, né? Eu lembro de ter passado no curso de Desenho e Plástica na UFBA. E queria muito, passei em quinto lugar, passei numa posição muito boa, assim”.

Ao mesmo sentido que o informante da pesquisa Juan Antônio - homem Trans, 23 anos estudante do curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Estado da Bahia fala sobre suas motivações que o levou a Casa Aurora: [...] “No processo ainda na questão de me identificar olhar no espelho não gostar” [...] “escutei do meu padrinho ao querer que casasse com o filho do pastor. ‘Quer que eu tire sangue? Você vai casar com ele?’ Eu respondi: Mata criança que você me falou que ia ficar com seu filho. Todo marcado, mas não falei nada não, pode falar qualquer pessoa evangélica todo dia abençoado.”

Nesse momento percebemos o informante Juan emocionado onde se mostrou encorajado a continuar o relato: “Já não tinha como ficar convivendo com meu padrinho… Sai de São Paulo fui para casa de uma amiga em Salvador, Boa Vista do Lobato, que me orientou a falar com a Aurora”.

Até chegar a Aurora, Juan relata: “Fiquei dois dias na rodoviária, e disse que se não der certo aqui eu vou desaparecer […]. E aí eu comecei conversar com a moça toda coberta, aí eu pedi para eu tirar uma foto, a gente começou a conversar do nada, ela começou a me contar a vida dela, mas ela se sentia falha, porque perdeu o filho dela para a depressão.

Esse cenário faz com que os educadores da casa Aurora se reconheçam nas suas histórias e experiências. Mesmo não vivenciando esse contexto de exclusão social no seu núcleo familiar João diz:

> Eu sempre tive amigos de amigos, pessoas que precisavam de suporte, de um apoio, e eu morava num apartamento pequeno, as pessoas sempre me procuraram perguntando se podiam passar algum dia, um dia, uma semana, algumas pessoas que vinham do DFD para fazer algum tratamento aqui no Salvador nos ambulatórios (João).

Para Guareschi (2001), os grupos humanos e as sociedades em geral, são melhor compreendidos se forem vistos como constituídos, em sua essência, por relações. Não é, por exemplo, nem o número, nem a cor, nem o tamanho, nem a

idade das pessoas, é essência na constituição de um grupo. O que faz um grupo ser constituído como tal, são as relações que nele se estabelecem.

Essa relevância que motiva o outro é conduzida pelos interesses da pessoa, as importâncias dominantes num dado período, numa dada situação. Essa relevância motivacional é conferida quando o indivíduo tem de atentar para certos elementos da ocasião de modo a compreendê-los, ou surgem espontaneamente da sua vida volitiva (da vontade, do dia a dia). O indivíduo se sente livre para decidir o fato conforme sua volição e intenção. A relevância motivacional tem como premissa elementos conhecidos, caso contrário há uma problematização para definir o cenário, conforme os interesses do indivíduo. O terceiro e último tipo de relevância é o interpretacional, acontece em decorrência do segundo, a relevância motivacional. Ou seja, interpreta a relevância anteriormente explicitada (ESPÍNDOLA, 2012, p. 162).

> Para além disso, as ações humanas só se tornam compreensíveis se encontrarmos nelas as motivações. A pesquisa deve buscar responder quais foram os “motivos”, as “razões”, a “intencionalidade” que estiveram na base da ação de tal ou tal pessoa. Ora, segundo Schutz, os nossos atos são motivados pela ação do Outro, ou seja, quando faço algo é a reação do outro que tenho em vista. Estamos perante “ações” que se constituem em “atos de trabalho”, intencionais, projetados; o ser “comunica com os Outros através de atos de trabalho; organiza as diferentes perspectivas espaciais do mundo da vida quotidiana através de atos de trabalho. [...] Só o ser que trabalha [...] está plenamente interessado na vida (AMADO; CRUSOÉ; VAZ-RABELO, 2013, p. 82).

A respeito das motivações, para elaborar a estrutura física da Casa Aurora, João conta quais foram os entraves e percursos vivenciados nessa caminhada entre formações políticas e outras atividades que implicam a compreensão acerca das pautas da organização.

> [...] Nesse processo, a gente elaborou toda a estrutura, a ideia que a gente já tinha, o que a gente já fazia, fizemos orçamento de tudo para que a gente pudesse investir em um processo de criar um espaço onde as pessoas iriam se sentir em casa, confortáveis, dentro da sua zona de conforto, mas entendendo que aquele espaço não era sua casa, sinceramente, mas era um espaço de passagem, de você vir se reestruturar com prazo e caminhar e seguir a sua vida […] (João, 2022, ent.).

Sobre o sentido da criação da Casa Aurora para João (2022, ent.):

> [...] Então, a Casa Aurora nasce nesse sentido, para que pessoas tivessem acesso à saúde, à moradia, alguma cultura, algum acesso à cultura, enfim, fosse teatro, fosse cinema, fosse produção, qualquer relação que tivesse com cultura, arte e também empregabilidade, então a gente fez o possível para que encaminhassem as pessoas para o mercado de trabalho, ou até mesmo elas pudessem gerar sua própria renda a partir de cursos de formação, por exemplo, uma formação em cursos de bolo, etc, nessas coisas mais simples que elas pudessem gerar sua própria renda a partir da sua própria existência também [...]

A compreensão apresentada por João é experienciada *a priori* e *a posteriori* a criação da Casa. A Fenomenologia Sociológica de Schultz (2008) vai se fundamentar nessa compreensão da ação de sujeitos no mundo social, tendo por referência as relações intersubjetivas inscritas em suas experiências cotidianas em termo de experiência de vida, as motivações e os processos decorrentes dela que induzem os sujeitos a se identificarem com dado processo. Contudo, ao que identificamos, as motivações que levam a estágios mais avançados de conhecimento não se dão puramente por elementos internos, mas muito das motivações externas (família, sociedade, grupos identitários, religião, entre outros.)

Em busca de um local para ficar, Oda encontra a Casa Aurora, em suas palavras: “eu queria muito poder estudar, não queria esperar mais. Eu tinha acabado de sair do ensino médio, queria vir à capital [da Bahia] para estudar. Mas aí eu não tinha nenhum parente aqui, e se tivesse eu não ia querer ficar na casa de parente”. Ao ser perguntada qual o percurso que trilhou até encontrar a Casa, Oda: “tentei bolsa moradia, organizei meus documentos e tudo mais. E nisso chegou a Aurora, assim. Chegou a informação de que existia essa casa de acolhimento”. Essa tentativa que Oda relata é comum na fala dos jovens residentes dos interiores e que migram para a capital em busca de oportunidades de trabalho e estudo. Aí, percebemos uma enorme falha do Estado em não acolher essas pessoas em. Sobre Oda e Juan, informantes desta pesquisa, foi visível o quanto tiveram trajetórias bem comuns até chegar na Aurora,

Vê-se daí que as falas de Oda, dialogam com as motivações iniciais que levou João a colocar em prática o projeto da Aurora. São essas ações que levam o indivíduo a cada vez mais se sentir impulsionado e identificado com significado

grupo ou lugar social que se origina, se colocando, inclusive, a assumir posturas de engajamento na defesa, manutenção e expansão daquilo que defende. Em outras palavras, o sujeito vai se tornando engajado, disposto e motivado a adequar comportamento, pensamento e vida para que os objetivos do movimento que participa, sejam alcançados.

> [...] A gente não teve apoio político-partidário, como eu falei, apesar de eu trabalhar com deputado, a proposta, a ajuda, era vinda com o pessoal físico, a gente criou o CNPJ, a gente estruturou como OSC, e aí a gente só poderia receber inclusive alguma coisa a partir de emenda, etc, dependendo da emenda, por exemplo, municipais um ano, estadual dois e federal três anos, então assim, existia esse tempo, a gente levou dois anos aí […]. A gente sempre teve ajuda da sociedade civil para manter o funcionamento desse espaço, que surgiu a partir dessa necessidade mesmo de abrigar pessoas que pediam abrigamento para a gente, essas pessoas nesse processo de abrigamento, elas precisavam passar por uma triagem como profissionais psicóloga e serviço social […] (João).

Sobre o tempo de permanência na Casa, Oda: “eu lembro de ter mandado uma súplica. Eu mandei uma súplica, uma carta, né? para Aurora pedindo para que me... eu e uma amiga, porque a gente não tinha nenhum lugar para ficar em Salvador. A gente estava em busca desse sonho de cursar, né?, faculdade, ensino superior.”

Oda ainda relata as suas experiências em buscar um lugar para ficar: “eu lembro de ter ido à [Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da UFBA]., saber dos prazos. Eu teria que permanecer, ficar mais tempo em Salvador para poder conseguir me inscrever[...]”.

É importante ressaltar que durante a entrevista surgem falas recorrentes entre os informantes que exprimem a dificuldade do público trans oriundos do interior da Bahia e de outros estados, como não terem lugar para ficar – no caso de nossos informantes, em Salvador – enquanto estão estudando ou até terem uma atividade remunerada para se manter. Os três informantes desta pesquisa tiveram a Aurora em sua caminhada para ingresso no ensino superior em universidades públicas.

Olda, antes de ter sido acolhida na Aurora: “[...] fiquei um tempo na casa de um amigo, aí fiquei assim, indo e vindo. Fiz a entrevista na Aurora e aí coloquei esse lance do... precisar estar no espaço para permanecer. Enfim, ter um teto para ficar.

Aí a Aurora topou [...].

As ações humanas se tornam compreensíveis se encontrarmos nelas as motivações. A pesquisa busca responder quais foram os “motivos”, as “razões”, a “intencionalidade” que estiveram na base da ação de “tal” ou “tal” pessoa. Ora, segundo Schutz (ANO), os nossos atos são motivados pela ação do *Outro*, ou seja, quando faço algo é a reação do outro que tenho em vista. Estamos perante “ações” que se constituem em “atos de trabalho”, intencionais e projetados. O ser se “comunica com os Outros através de atos de trabalho; organiza as diferentes perspectivas espaciais do mundo da vida quotidiana através de atos de trabalho, (...) Só o ser que trabalha (...) está plenamente interessado na vida” (AMADO; CRUSOÉ; VAZ-RABELO, 2013, p. 82). Ao ter sido questionada sobre como se sentiu ao ser recebida na Casa, Oda fala:

> [...] eu lembro que quando eu cheguei, eu fui atendida pelo João e logo em seguida eu passei por uma psicóloga, que era Vivian Maria, e era uma psicóloga trans, assim. Então isso me chocou, porque eu já estava no processo de transição, me reconheci enquanto uma entidade, eu falava assim, uma entidade feminina, né? Mas não, ainda não conheci o termo travesti, não entendia […]. Sobre ser um corpo político, as coisas ainda não tinham chegado, assim. Mas ter observado uma pessoa trans, formada, me atendendo, né? Foi, tipo, assim, muito impactante. Abre um leque de possibilidades, assim, né? De enxergar novos horizontes, assim. **[…]**.

No entanto, o atuar coletivamente no exercício da consciência em movimento (IASI, 2007) requer uma disposição mútua dos acolhidos e educadores, em que as motivações estejam pautadas em um sentimento comum, intersubjetivo, de “construir” um mundo melhor não só para mim, mas também para e com meus semelhantes (SCHUTZ, 1979). Para a Casa Aurora esse processo se dá através do processo de reconhecimento entre seus semelhantes que coloca as motivações e as experiências de vida numa perspectiva de contribuir para o processo inclusivo e do protagonismo da população LGBTQIA+, seja no acolhimento institucional, seja na sociedade em geral.

4 O PROCESSO DE TORNA-SE EDUCADOR (A) SOCIAL DA CASA AURORA

Esse item vai nos apresentar uma compreensão de como os educadores se reconhecem na Casa Aurora, e como acontece o processo educativo nesse espaço. Durante as entrevistas pudemos perceber que os informantes, em seus relatos de experiências, mostram como acontece o processo de disciplinarização ao se tornarem educadores sociais. Essas ações estão entre as suas inquietações sobre o como e quando os seus direitos começaram a ser violados dentro dos seus núcleos familiares e o papel da Aurora para o resgate desses direitos a partir da educação entre pares que lá acontece. As experiências educativas da Aurora versam na perspectiva da educação entre pares do cuidado com o outro, incentivando a troca de conhecimento e consolidando a aprendizagem. Ao fazer parte da Aurora, Oda relata que não se sentia educadora logo que chegou na casa: [...] “não, no começo não achei. Porque primeiro eu estava aprendendo a ser eu, né? Dentro das observações, das experimentações, vendo as outras resistências. Oda conta sobre o processo de se tornar educadora social:

> [...] Então eu acho que eu não tinha condição de ensinar no começo. Mas num determinado momento, depois de quase dois anos, na Casa, que era pra ser só um período curto até a bolsa, “rolar” mas acabou não rolando a bolsa e aí eu tive que ficar lá, né? Então, depois de ter assentado a minha travestilidade, quem eu de fato era, aí eu passei, sim, a educar, assim, no sentido de orientar, por exemplo, as minhas amigas travestis em relação à harmonização. Eu lembro que eu pesquisava muito sobre harmonização, qual eram os hormônios mais saudáveis, os hormônios que não traziam tanta... que não fossem cancerígenos ou trombóticos [...]

Mais especificamente, Oda nos conta qual sentido atribui para essa prática do *torna-se educadora* na e da Casa Aurora:

> Então vamos lá a gente só tem a gente mesmo. Eu acho que essa é a resposta. Nós, pessoas trans... E ainda assim é difícil, não? Nós pessoas trans só somos nós mesmos. E isso é uma tarefa muito difícil, que é o aquilombamento, a pedagogia do aquilombamento. Então, percebi que eu só tenho as minhas, as pessoas trans entendem as dores de outras pessoas trans. Acho que pessoas cis, sei lá, sejam mães, sejam pais, sejam amigos de pessoas trans, não entendem, nunca vão entender o que é ser, o que é existir uma pessoa trans. Então eu acho que é isso.

As experiências ditas por Oda, também contribuíram para o processo

educativo da Casa. Para Oda, “[...] depois de um tempo assim, já no período final que eu fiquei lá, eu lembro de ser, assim, essa pessoa que educa de uma forma... quando não é científica, […] de uma forma empírica, de um conhecimento […]. Já a ideia de cuidado dita por Oda está associada com o que diz, Schutz:

> Vamos chamar o relacionamento face a face, no qual os parceiros estão conscientes um do outro e participam simpaticamente das vidas um do outro, não importa quão curta seja a sua duração, de “relacionamento de Nós puro”. Mas o “relacionamento de Nós puro” é, da mesma forma, limitador. O relacionamento social diretamente vivenciado na vida real é o relacionamento do Nós puro concretizado e atualizado, em maior ou menor grau, e dotado de conteúdo (1979, p. 182).

Sobre essas vivências Oda compartilha que “eu peguei ali na vivência, na experiência mesmo e comecei a passar, né? A orientar a galera aí no ambulatório trans, é isso, no ambulatório trans, harmonização, enfim coisas. E algo que eu faço até hoje, assim, Aurora, eu lembro que eu assisti, na época que eu entrei, eu assisti Pose, a série. E foi isso que me influenciou”. Ao pensarmos na ideia que os sujeitos assumam um determinado comportamento ou uma determinada ação, é necessário que antes disso, as motivações alterem ou reorganizem os pensamentos (o cognitivo, emoções, interesses) que servirão de elemento mediador das ações, isso porque se trata do conhecimento suscitado e provocado pelas motivações e a aprendizagem delas decorrentes.

Ao relatar sobre a vulnerabilidade vivenciada pelo público trans e porque a Casa tem a sua maior busca desse público, João destaca que conhece “[....] várias pessoas trans e travestis que estão nesse lugar da vulnerabilidade e são colocados para fora de casa, então, para não virar a casa dos amigos de João, a gente precisou institucionalizar o processo [...]” E continua contando como ocorre inicialmente o acolhimento na casa [...] “nesse primeiro sentido de ouvir, de receber as demandas, de criar uma triagem, a gente tinha uma triagem, a gente fazia essa triagem, ouvia, entendia, a psicóloga avaliava, a gente colocava essa pessoa para ela responder um questionário e análise de comportamento para que ela fosse abrigada [...]”

> “[...] João, isso funciona 100%? Não, às vezes a gente acabava fazendo algumas triagens de pessoas e depois a gente percebia que existia ali um desvio necessariamente de comportamento. E aí é

> importante que a gente discuta que não é porque é uma pessoa LGBT, que essa pessoa é maravilhosa, mas isso significa também que algumas pessoas LGBTs não necessariamente foram colocadas para fora de suas casas como se eles eram LGBTs, mas porque não se dava bem com seus pais, não queria fazer alguma coisa dentro de casa [...]

Para além disso, as ações humanas só se tornam compreensíveis se encontrarmos nelas as motivações. A pesquisa deve buscar responder quais foram os “motivos”, as “razões”, as “intencionalidades” que estiveram na base da ação dos informantes e os sujeitos os quais representam.

Sobre a Aurora ser criada como casa de acolhimento, João fala sobre a estrutura do espaço: “então, pensando nisso, a gente criou toda uma estrutura também desse acolhimento de como isso seria feito.”

> A Aurora institucionalmente nasce, em 2019. A gente abriu a casa dia 31 de março, que é o mês que é tido como o Mês da Diversidade no calendário da Bahia, de 2019. Mas é isso. Não é porque eu falo institucionalmente, porque antes a gente já fazia isso dentro de casa. Então, a Casa Aurora tem muito mais tempo, não tinha nome Aurora, mas institucionalmente a gente precisou dar um nome, estrutura Pessoa Jurídica e abrir com espaço maior a partir do dia 31 de maio de 2019.

O 17 de maio é internacionalmente reconhecido como o dia de luta contra a LGBTfobia. A data marca o dia em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) retira a homossexualidade da lista internacional de doenças. O marco é um avanço para o nosso país que ocupa hoje o topo na posição dos que mais violentam e matam LGBTQIA+, sobretudo travestis e transexuais. Essa é uma das principais pautas que movimentam o trabalho na Aurora: o preconceito e estigma contra a população LGBTQIA+ leva este segmento ao contexto de vulnerabilidades sociais, muitos nem sequer têm documentos, estão em condição de rua e pobreza extrema.

Muitos dos acolhidos da Casa foram abandonados, violentados pelas próprias famílias, e em primeiro momento procuraram o Estado como porta de entrada para acessarem seus direitos sociais que não foram acolhidos em sua totalidade. Nessa lacuna deixada pelo Estado, identificamos que o trabalho formal é uma das práticas mais difíceis de acesso pelo público trans na nossa sociedade atual, o trabalho é central na satisfação das necessidades humanas e na produção da relação entre os indivíduos (VASCONCELLOS, 2014). Entretanto, a oferta de

trabalho nem sempre é oferecida ao indivíduo que não se encaixa num padrão cultural considerado aceitável, no caso desta pesquisa, as transexualidades. Na fala da informante Oda há uma contribuição significativa da Aurora como instituição para que esse cenário excludente seja revisitado

> Então, eu não conseguia ver aquilo como uma instituição, mas de uma certa forma um, quilombo é um quilombo é uma família também, né? Porque é onde todo mundo trabalha, onde todo mundo comum participa de uma certa forma, assim. O que a Aurora tinha era essa colaboração também coletiva, né? Todo mundo tinha que colaborar com o espaço de alguma forma, fazer com que ele continuasse ali, tipo, firme, né? E aí, com a coisa tendo, dinâmico e tudo mais.

A desumanização desta população chega a tanto que, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 90% da população trans brasileira tem na prostituição a única fonte de renda. A informante Oda apresenta uma criticidade a essa desumanização da população trans: “tudo que tem neste sistema faz cada dia mais a gente desacreditar. E eu acho que estar viva é um grande feito, assim, para mim é chique, para mim é um mundo monumental”. O mesmo ocorre quando ela afirma quando ela fala sobre sua relação com a prostituição:

> Então, por eu ter esse instinto, tanto quanto não me prostituir, assim, foi algo que eu determinei para mim também, não me prostituir, eu sei que isso vai ser a última coisa que eu vou fazer na minha vida, se não tiver mais jeito, aí eu faço isso, mas se eu, se um ponto puder dar um jeito para não me prostituir, para não fazer parte do 99%, eu vou fazer. Entendeu? Eu vou dar um jeito. Então, eu tenho essa de pegar essa visão que eu tenho de vida.

O movimento LGBTQIA+ denuncia todos os anos esta realidade e os principais desafios enfrentados pela população desta comunidade, agravam-se neste contexto de pandemia provocada pelo novo coronavírus. Então cabe o questionamento quanto aos fazeres do legislativo do nosso Estado pode dar diante destes desafios. A primeira proposta na garantia de direitos ao LGBT no âmbito da Assembleia Legislativa da Bahia, em formato de projeto de lei, foi da então deputada estadual, hoje prefeita de Lauro de Freitas, Moema Gramacho (PT), no ano de 1999. Até o momento, somente uma lei foi aprovada, a que institui o Conselho Estadual de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT da Bahia, de 2010. Ainda é um caminhar

muito moroso para uma população que sofre diariamente com os impactos da LGBTfobia.

Não se pode deixar para lembrar dos direitos dessa população apenas em tempos comemorativos, é preciso cobrar, articular e encaminhar mais os temas que envolvem a promoção e defesa dos direitos da população LGBTQIA+ e continuar a luta pela garantia do reconhecimento de direitos civis recentemente conquistados pela população LGBTQIA+, no âmbito do STF – Supremo Tribunal Federal, como a união homoafetiva, a adoção de crianças, o reconhecimento da identidade de gênero através do nome social, o direito à doação de sangue e, talvez a mais disputada, na esfera do direito penal, a criminalização da LGBTfobia.

Salvador, cidade onde acontece essa pesquisa, movimenta-se em prol da população LGBTQIA+ com Lei Municipal 9.498/2019, apelidada como Lei Teu Nascimento, originada do projeto de Lei 292/2017 de autoria da vereadora Aladilce Souza (PCdoB). A lei pune estabelecimentos que discriminarem pessoas da comunidade LGBTQIA+. As multas variam de R$10 mil a R$100 mil, além da possibilidade de cassação do alvará das empresas, esses valores serão recursos destinados às políticas públicas para promoção e defesa dos direitos LGBTQIA + de Salvador. Todas essas pautas estão no significado atribuído ao mês do nascimento da Aurora que é marcado pela luta dos direitos da população LGBTQIA+. Na Bahia existe uma atuação do Governo do Estado, através da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), a favor do fortalecimento da pauta LGBT na Bahia e completa 10 anos de avanços em 2020. Dentre essas lutas e conquistas, para as pessoas LGBTQIA+ maio é um mês de lutas, de comemorações e de conquistas. Exemplo disso é a fala de João ao buscarmos saber sobre o tornar-se educador da Casa Aurora e ele nos informou que

> [...] Olha, a gente fala de uma lógica de aquilombamento, de educação a partir da liderança. Então, assim, a gente tinha alguns diálogos, a gente tinha conversas sobre, até por morar dentro desse espaço, era muito lugar de escuta, de passar os meus ensinamentos enquanto pessoa, enquanto ativista LGBT. Então, eu posso me considerar um educador, por exemplo, para aquele espaço. Porque eu dava orientações, a gente fazia os acompanhamentos das pessoas para alguns espaços, como Ministério Público, Defensoria Pública. Então, a partir disso, a gente fazia as orientações do que era cada processo, a gente fazia a educação no sentido do ativismo social. Ah, João, todas as pessoas ali tinham que ser ativistas? Não. Mas a gente trazia para elas um entendimento do que são as

> portarias, de como é que essa pessoa pode se posicionar quando sofreu uma transfobia ou uma LGBTfobia no geral. Enfim, dentro desse espaço, eu posso, sim, me considerar um educador [...]".

O mesmo ocorre com Oda quando afirma que antes de entrar na Aurora,

> num determinado momento, eu fiquei influente num determinado ciclo daqui de Salvador [...] então, essa influência atingiu as meninas que estão em transição [...]. Me segue no Instagram, que conhecem meu trabalho como modelo, que estão transacionando e tudo mais, sempre me recorrem e me têm como inspiração […]. E a gente sempre chega nesse lugar, a gente não tem, né? Por mais que existam dois laboratórios na capital da Bahia, não é o suficiente ainda para a nossa população entender essas dinâmicas de cuidado, de acesso ao ambiente

Essa prática aquilombamento na Casa Aurora possibilita diálogos e conversas que facilitam o convívio dos acolhidos no espaço de moradia, sendo um lugar de escuta e troca de experiências e vivências. Nas palavras de Juan:

> Ali foi onde aprendi a comer perto de muitas pessoas que eu não conseguia falar e receber pessoas que eu nunca vi na vida você fazer isso, se eu não quiser participar de uma pesquisa, mas eu fui feliz e sabia que hoje eu consegui graças a você também. Aí conversar com meu comecei a conversar com ela no meio das pessoas.

Identificamos, portanto, que os informantes dessa pesquisa se reconhecem como educadores sociais trans da Casa Aurora, formados a partir do diálogo quanto as suas experiências, transexuais muitas vezes em cenário de prostituição e a falha do Estado em prevenir e investigar esses crimes (BALZER; LAGATA; BERREDO, 2016.)

Nesse sentido as ações desenvolvidas na Casa Aurora se dão numa prática em que os acolhidos identificam como ações cotidianas da formação cidadã que acontece fora da escola, entre as quais a conscientização e a educação entre pares que implica desenvolver com o público trans a superação da visão da realidade como algo natural e espontâneo, permitindo posteriormente a apreensão

cognitiva/intelectual desta mesma realidade de forma que as/os educadores compreendam o processo histórico no qual se estruturou as condições dadas do “eu”, “tu” e “nós” neste contexto de interações sociais, culturais, etc. (SCHUTZ, 1979).

Neste sentido, os educadores passam a perceber que a transformação da realidade se apresenta de forma concreta e alcançável e que o atual cenário posto para o público trans deve ser modificado pelas ações educativas mútuas em que aquele que vivencia a exclusão promove ações que visam a modificar a realidade. Nesse enredo, Oda exemplifica como ela desenvolveu o papel de educar as pessoas sobre o uso de hormônios e bloqueadores

> Quando a gente mesmo faz a automedicação, né? Acaba se automedicando. Então, se a galera acabar se automedicando, não custa nada eu dizer quais são os melhores e os menos piores medicamentos para se tomar, já que eu já fui, já sou cuidada no ambulatório trans, já tenho quatro anos de transição, se eu sei o que funciona, e o que não funciona, eu que vou usar. Então, eu não quero que minha vida seja até os 35, eu não quero essa data limite para mim. Então, eu quero ser longínqua, eu quero.

Essa observação quanto ao caráter educativo dos informantes é interessante na medida em que grande parte dos relatos aqui trabalhados aborda a prática da educação entre pares, isto é, entre os acolhidos, colocando as experiências e vivências dos sujeitos, similar a como se dá em muitos setores sociais, ou seja, organizando-se a partir de ONG’s e/ou grupos que compartilham experiências específicas, em um formato novo de organização, estruturado em redes, mais horizontais e voltados para debates educativo. Assim é que, em grande parte das práticas sociais que acontecem na Aurora, são parte das jornadas dos sujeitos do mundo da vida, nas histórias já experienciadas, ou seja, na perspectiva de se orientar a partir das vivências, do acolher/educar, para que as realidades de violência não se repitam entre os acolhidos trans.

5 PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CASA AURORA: NARRATIVAS SOBRE O SER MILITANTE

Observamos que durante muitos momentos da entrevista, os informantes Trans dessa pesquisa se colocam como educadores sociais a partir da sua experiência vividas no mundo da vida e assume a posição de educar pelo sentido atribuído às suas ações de militância e se reconhecem como tal, dando significado ao tornar as vulnerabilidades dos acolhidos em práticas educativas, sobre temas relativos às pessoas trans, entre os quais, direitos humanos, educação, saúde, moradia, políticas públicas que os mesmos buscam contemplar.

Mesmo exercendo função de coordenador da Casa, João se lança nesse contexto de afeto no sentido de resgatar, nos acolhidos, o sentimento de pertencimento a esse cenário de militância, perdidos no atual momento político que o país se encontra, dando especial ênfase para o planejamento dos movimentos sociais que resultam daí, no significado da criação de uma cultura afirmativa de um projeto de transformação social.

João descreve como se cria essa via entre o coordenar e educar na Aurora:

> [...] Como coordenador da casa, estava preocupado com a logística do espaço, com a contratação de pessoal, com a formação que a gente ia trazer para esse espaço, com os parceiros, com as captações. Então, eu não ficava integralmente nesse lugar, desculpa, do diálogo, de conversar com a pessoa, de educar essa pessoa para o mundo e como ela poderia se portar ou se defender desse lugar [...]

Os papéis institucionais desenvolvidos por João na Aurora, criou hiato na relação direta com educar.

> [...] a gente fazia reuniões com todas as pessoas abrigadas semanalmente ou quinzenalmente, para trazer a elas uma orientação, por exemplo, de lá. Esse lugar também de educador se afastava um pouco, porque, em alguns momentos, a relação de paternidade, dessa paternidade adotada por outras pessoas, surgia também [...]

João continua, “algumas pessoas eu precisava manter um distanciamento, outras não tem como evitar esse vínculo um pouco mais afetivo, mas ainda institucionalmente mantendo esse distanciamento”. Essa função familiar era

percebida pelos informantes como uma prática de afeto que exerce o papel importante na construção dos vínculos na Casa Aurora. Oda compartilha, ao dizer que “acabou rolando essa conexão de uma forma emocional que me levou a chamar Selena e João de pai e mãe. Eu chamo João de painho”. Juan Antonio fala como percebe essa prática de formação de vínculos

> […] João mesmo já deve ter percebido isso, eu sou tão fechado, mas assim aquele ambiente, ele foi fundamental nisso, eu aprendi a falar e confiar em pessoas que eu nunca vi na minha vida. Foi a primeira vez que eu chego no lugar eu não conhecia as pessoas, mas me sentia em casa, tinha essa questão de ajudar todo mundo, conversar ali e a qualquer momento que eu precisasse de algo, já começou a mudar minha percepção de querer nunca menti para não decepcionar ninguém e nem me decepcionar” [...].

Nesse aspecto, dedico-me a entender as práticas educativas da Casa Aurora a partir do sentido atribuído pelos educadores sociais, sendo ferramenta de superação da inclusão social no espaço não-formal da educação. Problematizando a inclusão social realizada pelos espaços não-formais de educação, Sawaia (1995), defende o pressuposto da dialética exclusão/inclusão social, já que a sociedade inclui para excluir e está transmutação é condição de ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos nós estamos inseridos no contexto social – no circuito reprodutivo das atividades econômicas – de algum modo. Nem sempre essa inserção é decente e digna.

Ao ser perguntado como descreve a inclusão que acontece no espaço de Acolhimento, Juan

> [...] A Aurora além de ser essa questão de acolhimento, ela era muito mais que isso, a casa já me indicou a vários cursos, encaminha a gente pra fazer isso, né? Eu fiz um curso de desenvolvedor de aplicativo. Eu sou totalmente diferente hoje por conta dessa experiência, porque eu sou louco por *apps*. Quem falar que a casa Aurora é só uma casa de acolhimento tá mentindo, por causa desse espaço conclui o ensino médio pelo EJA e após tentando fui aprovado no curso de Licenciatura em Educação Física pela UFBA.

Bader Sawaia, fomenta a ideia de que a maioria da humanidade está inserida no contexto social através de insuficiência e privações, que se desdobram para fora do circuito econômico. Com isso, quando se fala de exclusão social, o que acontece é a “dialética exclusão/inclusão”. Nessa via, a Casa Aurora como espaço

não-formal de educação foi criada com o objetivo de proporcionar reflexões às pessoas em situação de vulnerabilidade social e, assim, queiram sair dessa condição.

João diz que a inclusão ocorre na Casa parte da formação fora da escola e ajudou os acolhidos a repensarem suas realidades:

> [...] diversas pessoas ali não tinham, algumas pessoas eram muito discrepantes as realidades, algumas pessoas não tinham ensino fundamental completo, normalmente sabiam escrever, algumas pessoas já tinham ensino superior, mas só por serem LGBTs não conseguiram acessar o mercado de trabalho, e aí eu faço recorte sempre, eram pessoas trans e travestis, então elas não tinham acesso, mesmo tendo acesso à escolaridade, tendo formato, tendo graduação, etc[…].

A inclusão perversa pela exclusão de direitos sociais do público LGBTQIA+, abre portas para a Aurora exercer um papel educativo importante na formação cidadã dos acolhidos, onde as práticas educativas propostas pelos educadores sociais não buscam isentar o Estado no cumprimento de seus deveres, ao contrário, os educadores da casa interferem positivamente através da educação entre pares, onde formação cidadã versa também na criticidade sobre essas políticas públicas voltadas ao segmento.

João denomina a Aurora como um espaço não-formal de educação reforçadora do cumprimento das obrigações do Estado em prol do público LGBTQIA+. Assim, “a Aurora não é esse lugar engessado da academia em dizer que você tem que concluir uma educação, não te cabe, eu não te respeito enquanto ser.”

Essa criticidade ao cientificismo atribuída pela fenomenologia nos possibilita pensar os espaços não-formais de educação como produtores de conhecimento. João fala sobre as práticas educativas que acontecem na Aurora a partir da formação cidadã que acontece fora da academia

> Muitas pessoas não sabiam o que era não ser ativista ou estar em espaços de ativismo, porque a gente sabe que esses espaços geralmente estão entupidos de pessoas que estão na academia. Então a gente sabe que o português de quem está na academia não acessa as pessoas que não estão na academia, que nunca pensaram em passar por ela, então muitas pessoas não estavam lá.

Weber (1991) busca identificar, compreender e explicar esse sentido que os educadores sociais trans da Casa Aurora contribuem às suas ações para descobrir os motivos pelos quais as executam em determinado momento histórico. Para o autor, essas ações humanas se estruturam no tripé natural, histórico e social, é tão vasta e ilimitada a qualquer conhecimento que possamos ter sobre o que se leva a concluir pela da realidade ao saber. Além disso, existe sempre uma subordinação do objeto ao sujeito no ato cognitivo, isto é, a parte ou aspecto da realidade sobre que se debruça qualquer investigador é selecionado pela significação, interesse e valor que esse aspecto apresenta para o cientista que interroga o real, seja social, seja físico. Sobre a educação que acontece na casa João continua

> [...], Mas o impacto que a gente tinha em relação ao ativismo era que essas pessoas tinham que comer, eu acho que ter um prato de comida na sua mesa já é um ativismo, sabe? O fato de ser uma pessoa LGBT, sobretudo uma pessoa trans ou travesti viva, já é um ativismo pelo corpo, o corpo que se movimenta dentro dos espaços, rompendo esse lugar da heterossexualidade e da normatividade compulsória, de dizer que uma travesti preta sem passibilidade não pode estar ali, mas ela está ali em pé sobrevivendo aquele sistema. Então isso já é, em si, um movimento de ativismo seu. De botar a cara na rua e dizer assim, 'essa pessoa vai ter que me respeitar enquanto pessoa, enquanto mulher, enquanto homem trans, ou enquanto uma travesti, porque meu corpo é uma existência política só de existir' […].

Ao ser perguntado sobre os entraves que acontecia no processo educativo na Casa, João:

> [...] A gente tinha uma relação discrepante, assim, entre pessoas que não concluíram o ensino médio, nem um fundamental, nem sabiam escrever, para pessoas que já chegavam, já graduadas, mas que, ainda assim, não conseguiam espaço no mercado de trabalho. Então eu acredito que a gente tinha uma perspectiva de cultura popular e cidadania, uma cultura bem criada, porque eram histórias e coisas que se relacionavam com o dia a dia, mas que não tinham caráter formativo nesse sentido, gestão da academia, etc. […].

É possível perceber que o que acontece na Aurora implica a lógica da inclusão perversa pela exclusão de direitos onde contém em si a ideia de que não existem sujeitos que estão à margem da sociedade, mas tal lógica repõe constantemente a ideia de integração social dos sujeitos, há como estratégia, inclusive, uma política de afetividade para disciplinarização dos excluídos com o

objetivo de manutenção da ordem social desigual. Isso movimento o espaço na medida em que os educadores promovem a educação entre pares entre os acolhidos (SAWAIA, 1995).

Oda, contribui sobre a importância da criação dos movimentos sociais:

> [...] Tem uma coisa que é fora de uma instituição, mas Aurora ainda assim, sendo uma instituição, nos ensina esse lance que diz que a rua ensina, a rua ela é uma escola também, porque a rua tem uma dinâmica, enfim, a rua é movimento, a rua é isso, né, que eu acredito, não achei, enfim. E a rua ensina, é diferente uma criança que viveu na rua, que brincou, que andou descasco, correu por causa do recuo, pegou tudo que seja na rua, já conhece a dinâmica de vida, de realidade, muito mais potente daquelas que só brincaram dentro da porta pra dentro, assim, eu acho que existe essa discrepância. E assim, falando de pessoas trans, né, pessoas LGBTQI + em espaço não-formal, mas sendo [...] um espaço onde tem ali uma rotatividade, onde tem resistência, porque não se tratava só do espaço também, o espaço tinha pessoas trans acolhidas e não acolhidas, e o espaço também recebe outras pessoas […].

Nesse espaço não-formal de educação, Oda conheceu uma psicóloga trans e significou essa prática como pertencimento

> […] Entendi que existiam regras e possibilidades quando uma travesti me atendeu e era psicóloga, eu entendi que muita coisa podia ser real, palpável na minha vida, então quando a pessoa sai da sua casa, aí vai para uma casa de acolhimento ela descobre que o mundo que ela via ali, naquela bolha, dentro da sua casa, com sua mãe, seu pai “preconceituoso”, ou não também, que até foi estuprada, ou foi espancado, enfim, violência, se foi violência […].

A informante relata, em muitos momentos da entrevista, o quanto foi difícil e excludente a convivência com seu núcleo familiar, onde é possível perceber que o espaço empírico insere-se na lógica da perversa inclusão por exclusão de direitos. Contém em si a ideia de que não existem sujeitos que estão à margem da sociedade, e tal lógica repõe constantemente a ideia de integração social dos sujeitos, há inclusive, uma política afetiva como estratégia de disciplinamento dos excluídos para manutenção de uma ordem social desigual. Nesse sentido, estou empenhada em entender a proposta da Casa de Alhinho como uma ferramenta para superar a perversa inclusão social.

Entre as ações impulsionadas pelo espaço lista-se (i) incentivar o público LGBTQIA+ para que possam compreender os seus direitos através de suas

políticas; (ii) ter contato com a formação cidadã que impulsiona a conhecer esse direto através do respeito à diversidade, equidade, laicidade do Estado, universalidade das políticas, justiça social (SAWAIA, 1995). Acompanhar as políticas públicas, até fazer com que tomem para si a reivindicação para o coletivo da população alvo do qual fazem parte. Uma forma de garantir os direitos promulgados na Constituição, as pessoas trans acolhidas da Casa Aurora, é produto e produtor da sociedade, pois é também participante do contexto histórico em que está inserido podendo contrapor através de processos de participação e inclusão pela exclusão social vivenciada por essas pessoas.

Ao ser perguntada como descreve a prática formativa que acontece na Casa, Oda

> É potente, e se as pessoas em geral tivessem a nossa educação, como eu tenho, que esse ponto, esse afeto, surte efeitos potentes, nessa educação não-formal é de observação, é de experiência, aí ela se faz muito mais potente, conseguiu dar, no início da vida, transparente [...]. Olha, é isso, eu acho que tem essa formação que tá no acontecer na casa. A Casa aconteceu, eu acho que quem estiver lá dentro, que estiver participando do “bombado”, vai receber o baque. Vai receber, vai ser afetado.

Na visão de Oda existe uma lacuna apresentada pela casa, no que tange o diálogo acerca da transgeneridade

> [...] Mas eu acho que eu senti falta de ter um “vem cá”, vamos conversar. Eu faço isso! Que eu faço com as galeras que eu me debato aí, né? Tipo, vamos lá, e aí? Tá harmonizando, e aí? Tinha assistente social, mas... Eu acho que... Tinha assistente social, tinha psicóloga. E eu acho que, para além disso, eu acho que deveria existir uma pessoa que não fosse institucional. Que tivesse ali, ponte entre os acolhidos, em quem está esperando a Casa, e que está com quem está organizando o bombado, fazer o papel de Exú. Faz isso, Exú é conexão entre o céu e a terra. E aí, acho que deveria haver essa pessoa que ficasse interseccionando as relações. Então, até agora, eu acho que não tem […].

Na prática do acolhimento, João relata sobre as lacunas que apresentou na Aurora enquanto Instituição:

> A gente tinha uma equipe que não era uma equipe remunerada, né, todas as pessoas eram voluntárias. Então eu sempre dizia, eu não vou dar conta das questões emocionais de vocês, eu vou dar conta das outras questões, do lugar da educação, do lugar do cuidado à saúde, do direcionamento para outros espaços. Mas a saúde mental de vocês está como diversas outras pessoas que estão em vulnerabilidade, cada um chorando suas lamúrias dentro de um espaço. É ideal que cada pessoa aqui tenha um acompanhamento psicológico, porque em algum momento esse copo vai encher e vai transbordar. Então vai ter que transbordar com a pessoa que sabe fazer esse acompanhamento de uma forma mais profissional. Então é um critério de abrigamento estar em acompanhamento psicológico com as psicólogas da Casa, para se manter aqui. Então nesse lugar de acolher fui frio e isso foi muito involuntário e não me permitir ser impactado pelas histórias das pessoas.

A educadora Oda, indica como a lacuna apresentada pela prática do acolhimento podia ser conduzida:

> A pessoa que acolhe devia ser uma pessoa que não fosse nem da direção, e nem que fosse acolhida, mas ficasse ali entre os espaços. Então, acho que é diferente. Chega a ser mais orgânico e horizontal a comunicação, a relação, entender qual a real necessidade ali".

Juan Antônio, fala que, a partir da prática de ser responsabilizado pelas atividades da cozinha, atribuiu o sentido de confiança e disciplina na Casa

> João, deixava comigo a chave, que eu era responsável pela cozinha, para fazer os acolhidos almoçarem ou então ficava responsável por receber a cesta de alimentos básicos quando ele não estava lá, para organizar as doações dentro estoque que conheço porque havia uma questão da cozinha, limpar a casa. Isso ajudou a dividir, e comecei a vigiar o comportamento dos colegas, quando eu via que algo eu sinalizava e isso era muito tranquilo porque eu me dava bem com todo mundo da casa.

O informante diz que considera as suas ações importantes dentro de casa, contudo não consegue distinguir quando deixou de ser somente acolhido para ser educador

> Então, na prática consigo identificar a importâncias, mas não o sentimento. Vejo que há uma educação fora da escola, um processo educativo fora da escola. Este processo diário de troca de experiências, que começou com o processo de disciplina, segue as

> regras de convivência, certo? atividades do cotidiano como lavar pratos, dobrar lençóis…então todos fazem a sua parte lá, mas muitas pessoas chegaram lá, não tinham aquela disciplina de fazer aquela rotina de limpar a casa todos os dias e ajudar assim. Quando cheguei lá querendo ou não, tive de aprender, porque tinha de passar por aquele processo que eu não ia ficar lá em casa […]. Algumas pessoas acharam que foi difícil de aprender, mas eu sempre alertava, de quando saírem de casa, ninguém vos fará isto, todos terão que fazer […].

Essas práticas de convivência inseridas no cotidiano dos acolhidos é sinalizado através de um contrato de abrigamento, João nos conta:

> A primeira coisa que a gente explorou foi o contrato de convivência em termos de responsabilidade. Existia um termo de responsabilidade, existia um contrato. Elas assinavam os termos de responsabilidade de um contrato de abrigamento, eles são muito parecidos. E aí essas pessoas assinavam, elas já entram sabendo, era proibido a agressão física. A verbal é impossível, você cometer uma agressão verbal, dizer a pessoa que, enfim, em algum momento de raiva, dizer algum desaforo para a pessoa. Como é que a gente fazia para que isso não acontecesse? A gente fazia reuniões semanais, então todo mundo sentava junto e ia contar, 'olha, essa semana aconteceu isso, não foi interessante', ou 'fulano fez isso, não foi legal'. A gente tinha um momento de a pessoa conversar somente com a coordenação, trazer essas reclamações, essas inquietações. Existia a relação do sigilo também, então se você trazia uma demanda para mim, que era uma coisa mais íntima e cuidadosa, ficava só entre a coordenação.

O espaço Aurora também tinha um papel significativo de cuidado com os acolhidos em relação a saúde, João diz:

> A gente tinha, por exemplo, um processo de cada pessoa que entrava no espaço fazia testagem, "HIV, etc". Para não colocar outras pessoas em uma situação de exposição e, principalmente, porque a gente sabe que o cuidado com a pessoa que vive com alguma IST e HIV tem que ser um cuidado mais direcionado. A gente tem que fazer acompanhamento para os ambulatórios, para o CEDAP no caso, se a pessoa tiver alguma restrição com alimentação por conta da medicação, a gente tem que ter esse cuidado.

Permitindo analisar as formas sutis ditas por João, de espoliação humana por trás da aparência da integração social ao sofrimento político apresenta a exclusão e a inclusão como duas faces modernas de velhos e dramáticos problemas – a desigualdade social, a injustiça e a exploração. Agnes Heller (ANO),

para demonstrar que o sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais, de estar submetido à fome e à opressão. É experimentado como dor, apenas por quem vive a situação de exclusão, quando todos deveriam estar sentindo-o para que todos se implicam com a causa da humanidade (Idem).

> Então eram estratégias que a gente tinha dentro do espaço, inclusive o sigilo, caso a pessoa vivesse com HIV ou não, ou tivesse alguma outra IST. O que era muito interessante, é que as pessoas que viviam com HIV, mesmo com medo da rejeição, diziam para as outras pessoas, mas a gente sempre se manteve nessa posição, 'olha, a coordenação não vai dizer, você não é obrigado a dizer, mas se você se sente confortável e achar que essa pessoa é uma pessoa de confiança, você quiser compartilhar isso com ela, sinta-se à vontade, nós não falamos, porque não é o nosso, não é nosso, sabe, não é nossa obrigação de ter isso por você em uma situação'.

Mesmo exercendo um papel mais racional, percebemos que o educador João atribui o sentido de compaixão, quando se refere acerca do sigilo da condição de quem vive e convive com HIV, é de ordem particular e subjetiva. Para construir tal conceito, Sawaia (1995) baseou-se em autores que nos fazem refletir acerca da compaixão e piedade de Hanna Arendt e Simone Weill. A compaixão é o sofrimento que nos faz voltar à ação social, pode adquirir um caráter público e unificar os homens em torno de um projeto social. A piedade é paixão pela compaixão, é sentimento que encontra em si mesmo o seu próprio prazer, aprisionando o homem ao seu próprio sentimento.

João, continua atribuindo o sentido de compaixão a prática do acolher:

> A primeira coisa que a gente fazia quando acolhia uma pessoa era perguntar se ela dormiu bem, porque o sono é regulado, por exemplo, se você não dorme bem é porque você tem alguma preocupação ali, alguma insônia, alguma coisa que vem dessa preocupação que você está de não morrer, por exemplo.

E no sentido de qualificar a Aurora como espaço de Acolhimento, Oda

> "barulho", alguma coisa assim, então, tipo, eu acho que isso é essa educação.

Oda, atribui o sentido a prática da formação cidadã que a Casa desenvolve como *potência:*

> É potente, aí quando eu falo que, se as pessoas tivessem a nossa educação, como eu tenho, que esse ponto, esse afeto, é, surte efeito, né, potentes, aí a educação, ela se, essa educação não-formal que é experiência, aí ela se faz muito mais potente.

Contextualizando a atuação da Casa Aurora e o sentido que os educadores Trans atribui a afetividade, conseguimos captar com recorrências de como os acolhidos lidam com inúmeras emoções, entre essas, a tristeza da segregação, a compaixão das lutas sociais que surgem pelo semelhante, a responsabilidade e a representatividade de um coletivo. Para Bader Sawaia (1995), a afetividade impregna na existência do ser humano e se apresenta como sentimentos de ações moderadas de prazer e desprazer, que não se refere a objetos específicos; emoção, fenômeno afetivo intenso, breve e centra em fenômenos que interrompem o fluxo normal da conduta.

6 CRENÇAS, VALORES E ATITUDES QUE CONSTITUEM A FORMAÇÃO CIDADÃ NA CASA DE ACOLHIMENTO AURORA

Chegamos aqui em um ponto da nossa pesquisa que vamos apresentar as considerações finais ditas pelos(as) informantes nas entrevistas e o dialogar com as condutas que fazem parte do mundo da vida e que estão interligadas com crenças, valores e atitudes. Schutz (1962, p. 48-49) reconhece que o contato cognitivo com esse mundo da vida é, em ambas as modalidades de ciência, “acompanhado de teoria”. Essa pesquisa vem dialogando a partir do estudo científico entre a sociedade e como também as experiências cotidianas dos educadores sociais trans da Casa Aurora, a apreensão do real não é mero registro passivo de estímulos observacionais, mas um processo dependente da interpretação simbólica da experiência pelos sujeitos cognoscentes.

Nas ciências sociais, portanto, nós pesquisadoras, acessamos uma realidade que é, ela própria, permeada por interpretações – no nosso caso, as interpretações levadas a cabo pelos educadores, imersos no mundo da vida. Essas interpretações da realidade social pelos ditos dos informantes nela situados, não são simples acessórios àquilo que esses educadores executam na Casa, mas estão entre os fatores subjetivos daquilo que fazem. Assim, os educadores fazem e refazem a realidade social a partir das “compreensões” que têm dela, a elucidação dessa mesma realidade pela ciência social passa pela sua capacidade de apreender essas compreensões.

O pensamento de Weber (1989) e Schutz (2012) vai nos ajudar com essas compreensões possibilitadas pela presente pesquisa, a partir dos fundamentos filosóficos sólidos para a abordagem weberiana, partindo da análise fenomenológica dos “conceitos sociológicos fundamentais” propostos pelos autores que desdobram as noções de “ação social” e “sentido subjetivamente visado”. Nesse caminhar, Schutz defende que a fenomenologia poderia lançar luz sobre um conjunto complexo de atos mentais, que eram simplesmente pressupostos na sociologia weberiana e em outras abordagens interpretativas nas ciências sociais (2018 [1932]).

Oda, conclui a entrevista articulando sua fala sobre as crenças, valores e atitudes que fazem parte da Aurora

> Em relação a crenças, eu acho que eu saí de lá entendendo que a gente, nós população trans, vivemos numa sociedade que não ajuda a gente de forma alguma, que não colabora, e que era muito difícil ser uma pessoa trans, foi isso que ficou. E que é muito difícil também nos organizarmos enquanto pessoas trans e ter atenção nas nossas próprias necessidades com nós mesmos, assim. Para a gente se ajudar, a gente se unir tudo mais, assim, é algo que vi que era difícil de acontecer, porque é algo que a sociedade prepara pra gente, né? Para que sejamos competitivos, para que sejamos inimigos uns dos outros. Ok, isso é algo que já tá dado. Sai entendendo isso, entendeu? Que é difícil ser uma pessoa trans. Mas, ao mesmo tempo, é difícil, tipo, fazer uma organização no qual a gente consiga energia, assim, né? Como desventura profana, que nós possamos respirarmos em submersas, em águas-vivas, superabundantes. Enfim, isso é possível. Eu saí de lá pensando, acreditando nisso.

Oda, continua falando das crenças que constitui a sua rede afetiva:

> Eu conheço Ventura profana uma artista aqui de Salvador na Casa Aurora. Eu acho que isso é possível, é super possível. Então, é uma das minhas crenças. E quando eu, na minha vivência, quando eu me relaciono com meu namorado, que ele é um transviado, né? Uma pessoa transviada. A gente se relaciona e aí tem um lance do amor, assim, que a gente cultiva. E ele me inspira a viver, a estar viva. E eu sinto que ele me diz, inclusive, que a gente compartilha isso, né? Eu também me sinto, assim, mais acesa, mas com ele, enfim. E então, já é possível isso na minha vida, né? “

A informante ainda pontua a importante da relação com João, chamado de pai pela educadora:

> Ter o meu pai como meu pai, também como pessoa que eu posso contar, né? Uma pessoa trans mais velha, né? Eu sonho com esse modelo de vida que eu tenho, que é ter uma pessoa trans pra viver uma vida. Ele é meu namorado é homem trans, mas poderia ser um amigo, né? Uma pessoa trans que eu posso contar. Outras pessoas que eu posso contar e que a gente possa ali estar fortalecendo todo mundo junto [...]. Ah, eu acho que é sobre vida, sobre restituição, acho que é sobre roubo. E eu vou falar roubo, porque eu escuto muito Ventura Profana, né? Ela diz eu quero de volta. Tudo que me roubaram. E a gente vai roubar de tudo de volta, vou pegar tudo de volta que roubaram da gente. E são de tantos os lugares que roubaram da gente, né? Que é a sanidade, é a fé, é amor, o direito de ser amado, amada, amada, né? O direito básico, a ser o básico do que é ser humano, do que é ser cidadão. Eu acho que vai por essas águas, por essas correntes. Sabe? Essa é a minha resposta. Eu podia ir falando mais, mas acho que é por aí, entendeu? É esse o lugar […].

Na mesma linha de pensar o sentido que atribui a existência da Aurora em nível de crenças e valores João coloca

> Olha, o sentido é fazer com que as pessoas tivessem pelo menos um lugar para dormir e comer, o lugar que elas se sentissem humanizadas, que elas se sentissem respeitadas. Não falo de mim, mas acho que o sentido da Casa Aurora é esse, um espaço de conforto onde elas se sentem confortáveis, onde elas se sentem acolhidas, que é esse o lugar. A minha parte, eu acho que só foi um trânsito entre as coisas, entre as pessoas e o espaço, só foi um mediador. Obviamente isso me afetou de uma forma, eu me tornei mais humano no processo, no olhar com as pessoas, com as suas vulnerabilidades. Ainda não significa que qualquer coisa me derrube assim, tipo, dobra meu coração, porque sabemos que são pessoas, que cada pessoa é um mundo e nem todo mundo tem lá o seu lugar de caráter, mas enfim, cada pessoa é uma pessoa. Mas me colocou num lugar melhor, de olhar o outro com uma escuta mais, como eu falei no ícone, com uma escuta mais apurada, com uma percepção melhor.

João diz que, hoje consegue perceber e fazer algumas análises que antes de ir para esse espaço não-formal não era possível de entender as pessoas, nas suas especificidades, eu não conseguia compreender, então acho que é esse o lugar, que o permitiu a viver essas experiências.

> A gente não tinha um diálogo com a educação formal, a gente fazia diferente. Se a pessoa quisesse estudar, a gente mapeava escolas que possivelmente respeitavam a população LGBT, respeitavam o nome social, se essa pessoa fosse lá e o nome social dela tivesse respeitado, a gente mandava um ofício enquanto instituição, ou eu ia com a pessoa até lá, esse lugar, enfim, não falando na educação, mas outros espaços, para que essa pessoa não ficasse sem estudar.

Emocionado, o informante João finaliza a entrevista com um questionamento acerca da omissão dos poderes públicos em olhar para a Aurora como um espaço que inclui e requer investimento para que continue desenvolvendo o trabalho em prol dos direitos do público LGBTQIA +.

> É muito engraçado quando você fala da escola, porque, para além da escola, a prefeitura, o município, o governo do estado sempre mandaram demandas para a gente, mas nunca subsidiou as ações. A gente recebeu no início da pandemia cestas básicas, porque a gente mandou um ofício com advogado solicitando isso, mas na primeira oportunidade a prefeitura suspendeu o abastecimento de cesta básica para a Aurora. Então, mandavam demandas tanto a

> esses municípios menores quanto à prefeitura de Salvador, mas o subsídio para continuar existindo nunca nos foi dado. Inclusive ceder o espaço, que a gente sabe que tem vários imóveis em Salvador, que a prefeitura pode ceder, enfim, ceder algum pacto em base, para que essa taxa fosse reduzida, enfim, isso nunca aconteceu, muito menos com a educação.

Para Juan Antônio educador da Casa, as crenças e valores que são marcantes na Casa Aurora dialogam com a perspectiva da boa convivência nos espaços sociais

> Viver em comunidade é algo que vou levar pra vida. Aprender a viver com regras que não seguia antes da convivência na Casa. Chegar me fez aprender a respeitar muita coisa fora dela. Não podíamos chegar depois das 22 horas e isso dificultava muitas coisas quando as pessoas queriam beber dentro de casa, queriam usar algumas coisas dentro de casa. Eu fiz esse papel de fiscalizar os colegas, às vezes, peguei situações desse tipo aí. Também fazer o quê? Eu só tenho uma vista maravilhosa (risos). Aí eu cheguei e conversei com a pessoa muito tranquilamente e isso nunca mais aconteceu.

Assim, Schutz apresenta uma leitura das categorias encontradas durante a entrevista desta pesquisa, onde olhar fenomenológico ilumina aspectos internos dos fenômenos trazidos pelos informantes e que tomávamos por obviedades plenamente conhecidas, partindo da idéia weberiana de que a ação social é aquela que, em seu sentido subjetivamente visado pelo educador social, se orienta para outros, Schutz se debruça sobre esses “outros” para elucidar, em pormenor, suas diferentes modalidades, tais como predecessores individuais identificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de compreender os sentidos atribuídos às práticas educativas desenvolvidas pelos educadores sociais trans da Casa Aurora, fui convidada a experienciar o que a Fenomenologia Sociológica chamaria de mundo da vida. A pesquisa iniciou no ano de 2020 em um cenário pandêmico com a Casa Aurora encerrando suas atividades presenciais e precisou ser ajustada pelas novas circunstâncias, os informantes que fariam parte da pesquisa não puderam mais por diversos motivos, tais como, adoecimento, não tinham recursos para acessar a internet, mudaram de telefone e então nos organizamos para dar continuidade a pesquisa. Essa etapa foi muito difícil, senti em muitos momentos que a pesquisa não seguiria com o difícil cenário pandêmico de isolamento social e adoecimento das pessoas.

À medida que nossa pesquisa avançava, sugerimos restabelecer gradativamente o contato com a coordenação da casa, restabelecer metas e aproveitar as oportunidades de contato com os informantes disponíveis no momento. Fomos surpreendidos com a notícia que a Casa Aurora estava com planos para retomar as atividades presenciais, o novo projeto em sua inteireza está nessa pesquisa e tem o objetivo em desenvolver um trabalho mais específico com o público trans, foi nesse momento que realizamos o afunilamento do público-alvo para que pudéssemos entregar um trabalho coeso e que respondesse os objetivos descritos. Dessa forma, os três informantes trans da pesquisa foram muito abertos em participarem da entrevista. Sobretudo houve o interesse dos mesmos em que essa pesquisa colaborasse com o que eles denominaram de “nova ciência", uma ciência construída pelas pessoas das ruas que vivem fora da escola e que constroem saberes importantes para a nossa sociedade.

Adiante fui experienciando escutar as histórias onde uma troca mútua de saberes foi vivenciada na pesquisa ao participar de revelações que a história do mundo da vida de cada um está atrelada a suas dores, lutas, e buscas para um futuro.

Nesse sentido, nessa etapa deste estudo compreendemos que os atos de militância, estão imbricados nas discussões que envolvem os sentidos que os educadores atribuem às práticas educativas desenvolvidas na Casa Aurora. Na categoria experiência de vida, a relação entre o ser acolhido (a) e o ser educador

(as) da Casa Aurora. Falamos sobre as motivações iniciais e acolhimento experiência com formação cidadã; torna-se educador social da Casa Aurora e as experiências educativas que lá versam na perspectiva da educação entre pares, do cuidado com o outro, no incentivo a troca de conhecimento e de aprendizagem por um sentimento de pertencimento, alegria de ser instrumento idealizador de novas conquistas e muitas vezes lidar com o sofrimento para estimular novas reflexões de novas estratégias de enfrentamento.

Ao mesmo tempo, concluímos que a categoria das práticas educativas que acontecem na Casa Aurora dialoga a partir da militância de como os educadores sociais e suas experiências vividas no mundo da vida vem assumindo a posição de educar pelo sentido atribuído às suas ações de militância e se reconhecendo como tal, dando significado ao tornar as vulnerabilidades dos acolhidos em práticas educativas, sobre temas relativos às pessoas trans: direitos humanos, educação, saúde, moradia, políticas públicas e direitos humanos que os mesmos buscam contemplar.

Como psicóloga atuante nos espaços não-formais de educação e pesquisadora, o sentido que atribuo nesse trabalho que tem o espaço empírico uma Casa Aurora se dá na relação de pertencimento entre os educadores (as) trans acolhidos no cotidiano do processo educativo. Durante o processo de entrevista, fui exposto às vidas, experiências e histórias de outras pessoas ao ouvir educadores de diferentes situações e formações.

Para que isso fosse possível, foi relevante entender a complexidade de lidar com o mundo da vida contado pelos educadores trans, que nem sempre compartilhavam as mesmas histórias, experiências e tampouco tinham a mesma perspectiva do futuro. Os informantes são pessoas oriundas de culturas diversas e acreditam em ações múltiplas que podem ser relevantes para a transformação social.

No que tange à análise dos dados desta pesquisa a compaixão é um uma categoria que surge através da fala dos informantes e dialoga como o sofrimento que se faz voltar à ação social. Os acolhidos da Casa Aurora compartilham as vivências do mundo da vida e esse sofrimento se torna de caráter público e unificado em torno de um projeto social instaurado pelo campo empírico

O objetivo desta pesquisa buscou compreender o sentido atribuído às práticas educativas desenvolvidas pelos educadores sociais trans da Casa Aurora

um espaço de acolhimento voltada para o público LGBTQI+, onde a análise dos dados mostra como as categorias encontradas na entrevista e acompanhamento dos educadores nas diversas atividades – militância, estigmas da sociedade em relação ao público LGBTQI+, luta por direitos, organização política, enfrentamento ao poder público, prática educativa como formação cidadã, sentimento de pertencimento, sofrimento compaixão.

A Casa Aurora, retoma as atividades presenciais no primeiro semestre de 2023 em busca de alcançar seu objetivo maior que é potencializar aos acolhidos através das práticas educativas desenvolvidas pelos educadores sociais para que se tornem sujeitos em ato, críticos da condição social vivida e atuantes no mundo em que vivem, para que possam buscar estratégias para a transformação social, ou seja, para a melhoria da própria vida e da coletividade.

Ao final deste período de pesquisa, são mobilizadas as vivências cotidianas de educadoras sociais transgênero, e em especial suas angústias decorrentes de situações sociais em que são estigmatizadas e vistas como inferiores. Também acredito na importância dos educadores sociais da Casa no enfrentamento das questões sociais que já vivenciaram e trabalham com base na educação de pares, com o objetivo de fornecer estratégias de reforço e descoberta de sua vida.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Antônio Miguel. **A formação do homem novo**: uma análise da visão dos técnicos governamentais atuando hoje em Angola. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação, 2004.

AKOTIRENE, Carla; **Interseccionalidade.** In: RIBEIRO; Djamila (Coord) Feminismos Plurais. São Paulo; Pólen, 2019.

AMADO, João, (org.). **Manual de investigação qualitativa em educação.** 3.ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

AMADO, João; COSTA, António Pedro; CRUSOÉ, Nilma. Procedimentos de análise de dados. In: AMADO, João (Coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

AMADO, João; CRUSOÉ, Nilma; VAZ-REBELO, Piedade. Quadros analíticos da investigação qualitativa em educação. In: AMADO, João (Coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

ARENDT, Hannah. **As artimanhas da exclusão**: Análise Psicossocial e ética da desigualdade Social. v.5 n 105, Livro: São Paulo. Ed. Vozes,1988.

ARENDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. Ensaios. São Paulo: Cia das Letras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas:** relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

AUAD, Daniela. **Relações de gênero nas práticas escolares:** da escola mista ao ideal de co-educação. Tese (Doutorado em Educação: Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BARBOZA R. S. Diretos Humanos da População em Situação de Rua? Paradoxos e Aproximações à uma vida digna. **Revista Direitos Humanos e Democracia**. Ed. Unijuí. Ano 3. 6. Jul/dez 2015. São Paulo.

BARBOZA R. S. **O processo de organização política da população em situação de rua na cidade de São Paulo:** limites e possibilidades da participação social. Artigo Cientifico. São Paulo, Nov. 2008.

BORGES, Carla Juliana Pissinatti. **O debate internacional sobre competências:** explorando novas possibilidades educativas. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Universidade de São Paulo. Bragança, 2012. Disponível em: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/9593/1/Tese%20Mestrado%20-%20Ana%20Paula%20Macaira.pdf. Acesso em: 21 agosto 2018.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. Sexualidad, S**alud**

y Sodiedad – Revista Latinoamericana, número 14, agosto 2013, p. 319-351. Disponível em http://www.scielo.br/scielo. php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 agosto 2018.

COLLING. Leandro. **Gênero e Sexualidade, na atualidade.** Salvador, 2018. https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430946/2/eBook_%20Genero_e_Sexualidade_na_Atualidade_UFBA.pdf

COLLING, Leandro. Quatro dicas preliminares para transar a genealogia do *queer* no Brasil. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (Org.). **Desfazendo Gênero:** subjetividade, cidadania, transfeminismo. Natal: EDUFRN, 2015a, p. 233-242.

COLLING, Leandro e SANTOS, Matheus Araujo dos. O corpo intersex e a politização do abjeto em XXY. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, dez. 2011, p. 234-250. Disponível em http://seer.ufrgs.br/index.php/ intexto/article/view/23061/0 Acesso em: 25 ago. 2018.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro Crusoé; SANTOS, Edmilson Menezes. Fenomenologia sociológica de Alfred Schutz: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa. **Rev. Tempos Espaços Educ.** v.13, n. 32, e-13274, jan./dez, 2020.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro; MOREIRA, Núbia. Regina; PINA, Maria Cristina Dantas. Definições de prática educativa em diferentes perspectivas sócio-educacionais. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI,** Teresina, v.19, n. 31, p. 68-88, jul/dez. 2014.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro; SANTOS, Edmilson Menezes. Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz: Contribuições para a Investigação Qualitativa em Prática Educativa. **Rev. Tempos Espaços Educ.** v.13, n. 32, e-13274, jan./dez.2020.

CRUSOÉ. Nilma Margarida de Castro. **Prática pedagógica interdisciplinar na escola:** sentidos atribuídos pelas professoras. 1. Ed Curitiba, PR: CRV, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As artimanhas da exclusão**: Analise Psicossocial e ética da desigualdade Social. v.5 n 107. São Paulo: Ed. Vozes,1988.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista adm**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.

GOFFMAN, Erving: **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC. 1988

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais.** Paradigmas clássicos e contemporâneos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GOHN, M. da G. **Sociologia dos movimentos sociais.** São Paulo: Ed Cortez,

2013.

GONÇALVES, Paulo Marco De Campos. **A educação ecoprofissional de jovens em zonas periurbanas?** Reflexões em torno de uma experiência. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2004. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/29734012_A_EDUCACAO_ECOPROFISSIONAL_DE_JOVENS_EM_ZONAS_PERIURBANAS_-_REFLEXOES_EM_TORNO_DE_UMA_EXPERIENCIA. Acesso em: 01 fev. 2022.

GOUVEIA, Taciana; CAMURÇA, silva. **O que é gênero**? 3ª edição. Recife: SOS Corpo gênero e cidadania, 2000.

GUARESCHI, P. **As artimanhas da exclusão**: **Analise Psicossocial e ética da desigualdade Social**. v.5 n 141. São Paulo. Ed. Vozes, 2001.

HAETINGER, Márcio Ricardo da Silva. **A canoagem como espaço não formal em educação matemática.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Santa Maria, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13532/DIS_PPGEMEF_2017_HAETINGER_MARCIO.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 fev. 2022.

KIJAK, Jéssica Rodrigues Gomes. **Gestão pedagógica e práticas educativas em espaços não formais de educação:** um estudo no Centro de Promoção da Infância e da Juventude. 2017. Dissertação (Mestrado em gestão Educacional – Mestrado Profissional). Universidade do vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6875/J%c3%a9ssica%20Rodrigues%20Gomes%20Kijak_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 fev. 2022.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEMOS, Cleide de Oliveira. As ONGS e o Sistema Mundial de Proteção dos Direitos Humanos. **Rev. Fund. Esc. Super. Minist. Público Dist. Fed. Territ.,** Brasília, Ano, V. 17, p. 63 – 97, jan./jun. 200.

LIMA, Fábio Henrique Novaes de. **Um minicurso para atuação de mediadores na educação não formal em Ciências da Natureza**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação em Astronomia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. Natal/RN, 2018. 254p. (Orientador: Auta Stella de Medeiros Germano).

LOURO, Guacira Lopes Louro. **Currículo, gênero e sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000.

MARIA, Tathiana Popak. **O Saber Ecológico em atividades de Educação Ambiental desenvolvidas num parque municipal da cidade de São Paulo**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81132/tde-26032015-150333/publico/T

athiana_Popak_Maria.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em educação**. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, Núbia Regina. **Representação e identidade no feminismo negro brasileiro**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006. **Anais [...].** Florianópolis - SC: Ed. Mulheres, 2006. Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/N/Nubia_Regina_Moreira_06.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

PRAXEDES, Gutemberg de Castro. **A utilização de espaços de educação não formal por professores de Biologia de Natal-RN**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16057/1/GutembergCP.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

PINTO, C.; MORITZ, M. L. **A tímida presença da mulher na política brasileira**: eleições municipais em Porto Alegre, 2008. [no prelo].

ROCHA, V. S. **Educação em espaço não-formal:** Reconstrução de saberes, comportamentos e atitudes. 2019. 104f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática - PPGECEM) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019. Disponível em: http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3360. Acesso em: 01 fev. 2022.

SILVA, Tatiana Raquel Reis; BARBOSA, Viviane de Oliveira. Repensando os feminismos negros brasileiros e norte americano. In: **XIV Simpósio baiano de pesquisadoras (es) sobre mulher e relações de gênero**. 2008, Salvador-ba. GT Gênero, Raça e Etnia. Salvador: UFBA, 2008. p. 93-106.

VIEIRA, Roberto Carlos. **O ourives e a jóia:** o movimento de organização comunitária (moc) e suas práticas de educação não formal, no período 1970 a 1980. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2008. Disponível em: https://cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/roberto_carlos_vieira.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

SCHUTZ, Alfred. **O problema da realidade social**, Escritos I. Buenos Aires, Editora Amorrortus, 2008.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado de entrevista[7]

Entrevistador: _____

Entrevistado:_____

Data:_____

Recurso:_____

BLOCOS	OBJETIVOS DO BLOCO	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE RECURSOS
Momento 1 Legitimação da Entrevista	Buscar a Casa Aurora e pedir autorização para a realização da pesquisa com os (as) educadores (as). Explicar sobre a pesquisa, informar sobre o uso da tecnologia online para a gravação da entrevista, informar o sobre a problemática da pesquisa, objetivo e contribuições, colocar os entrevistados na condição de informantes.		
Momento 2 Histórias dos educadores Motivação para os educadores para promover a formação cidadã.	Obter dados sobre as experiências dos educadores, o que os levou para fazer parte desse espaço de trabalho.	Fale sobre suas motivações para ser educadores sociais, quais são as práticas desenvolvidas por vocês, e experiência com formação cidadã.	O que o levou a ser educador? O que entende como a prática do educador social? Quais as limitações? Quais as contribuições? Citar exemplos.
Momento 3 Conceituação, educação. ONG – espaço não-formal, formação cidadã, prática	Obter dados sobre conceitos a partir da educação não-formal, formação cidadã, produção de conhecimento, identificar elementos que caracterizam a prática educativa realizada na	Como você conceitua a educação fora da escola, produção nos espaços não-formais, prática educativa como prática social.	

[7] Identificação autorizada pelo informante.

educativa.	Casa Aurora enquanto campo de atuação dos educadores.		
Momento 4 Relações entre o educar e as experiências cotidianas, conhecimento – espaço não-formal – educador – educadora – acolhido – sociedade civil – ONG.	Obter dados como os educadores sociais veem as relações entre o educar e as experiências cotidianas, conhecimento – espaço não formal – educadores – educadora – acolhido – sociedade civil – ONG.	Como você vê as seguintes relações: Relações entre o educar e as experiências cotidianas, conhecimento – espaço não-formal – educador – educadora – acolhido – sociedade civil – ONG.	As experiências vivenciadas por vocês contribuem na construção da formação cidadã? Explique. Exemplifique.
Momento 5 Estratégias Estratégias para orientar as ações que compõe a formação cidadã na Casa Aurora	Obter dados sobre as ações ajudam a conduzir os comportamentos dos acolhidos. Com o objetivo de identificar elementos que caracterizam a prática educativa como prática social na casa de acolhimento.	Falar sobre estratégias utilizadas por você e pela coordenação da casa de acolhimento orientar a ação na casa, vivenciar o cotidiano das experiências e pensar na relação entre saberes.	Vocês têm um momento de planejamento na construção da formação cidadã? Como você pensa a relação entre saberes? Citar exemplos.
Momento 6 Crenças e Valores Crenças, valores, atitudes, limites e possibilidades que permeiam a prática educativa como prática social.	Obter dados sobre a importância, Crenças, valores, atitudes, limites e possibilidades que permeiam a prática educativa como prática social, com o objetivo de conhecer os sentidos atribuídos pelos educadores, a prática educativa desenvolvida na casa de acolhimento campo de estudo.	Você acha importante a formação cidadã? O que implica ser uma educadora social? Quais limites e possibilidades você vê para a realização do trabalho na casa de acolhimento?	Porque a formação cidadã é importante? Quais os valores e atitudes a educadora precisa ter na produção de conhecimento? Você teria alguma questão para colocar, acrescentar?

Momento 7 Síntese final e agradecimentos	Obter dados sobre o sentido que faz de si na situação de pesquisa: do seu papel no contexto de pesquisa, da relação na qual a pesquisa se estabelece (eu-entrevistadora e você- entrevistado (a), a finalidade da pesquisa, razões que a levam a aceitar.		

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Meu nome é Renata Malhado dos Santos, mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob a oreintação da professora **Dra. Nilma Margarida de Castro Crusoé**, venho por meio desta, convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada **"PRÁTICA EDUCATIVA NA CASA AURORA: SENTIDO DE EDUCADORES SOCIAIS TRANS"**, cuja temática está vinculada a linha de Pesquisa "Currículo, Práticas Educativas e Diferença" do referido Programa. Este estudo tem como. O objetivo desta pesquisa é compreender o sentido atribuído às práticas educativas desenvolvidas pelos educadores sociais Trans da Casa de Acolhimento .

Salientamos que as informações coletadas são estritamente confidenciais e que será mantido o sigilo e sua privacidade durante todas as fases da pesquisa. A sua participação no estudo, caso aceite, será voluntária e poderá, se assim o desejar, desistir a qualquer momento, não sendo submetido(a) a nenhuma sanção ou modificação na forma em que será atendido(a) pela pesquisadora.

Sua participação consistirá em responder a uma entrevista semiestruturada, previamente agendada, em dia e horário de acordo com sua disponibilidade e preferência. Em razão do contexto de pandemia que nos impõe, no momento, o distanciamento social, a entrevista será realizada por meio de webconferência na plataforma meet e será gravada.

Informamos, ainda, que a pesquisa poderá conter riscos mínimos, como desconforto físico, emocional ou mental, seja pelo tempo de exposição às perguntas e respostas ou por alguma questão proposta, mas, caso ocorra, você poderá desistir de responder à entrevista a qualquer instante.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Ao participar deste estudo estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado, para a reflexão e debate sobre as práticas de formação de pesquisadores e pesquisadoras em educação e para a produção de conhecimento científico na área da educação. Caso tenha dúvidas ou necessidade de maiores esclarecimentos, estes poderão ser dirigidos aos responsáveis pela pesquisa por meio do endereço eletrônico ou do número do celular/whatsapp de Renata Malhado dos Santos: renatamalhado7@gmail.com e (77) 9999-88930 e da Profa. Dra. Nilma Margarida de Castro Crusoé, orientadora: nilcrusoe@gmail.com (77)99128-0474.

Se fez a leitura deste Termo, compreendeu claramente todas as informações e está de acordo em participar dessa pesquisa, precisará assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que em razão da pandemia será realizada, excepcionalmente, por meio eletrônico (e-mail).

Agradecemos antecipadamente sua contribuição a essa pesquisa.

Vitória da Conquista – BA, 19 de Janeiro de 2022.

Renata Malhado dos Santos
Orientanda

Profa. Dra. Nilma Margarida de Castro Crusoé
Orientadora